



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

WESLEY LINHARES VIEIRA

**A COMUNIDADE DISCURSIVA DOS *BOOKTUBERS*:
PERCURSOS DE ANÁLISE DE COMUNIDADES VIRTUAIS**

FORTALEZA-CE

2018

WESLEY LINHARES VIEIRA

**A COMUNIDADE DISCURSIVA DOS *BOOKTUBERS*:
PERCURSOS DE ANÁLISE DE COMUNIDADES VIRTUAIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Práticas discursivas e estratégias de textualização

Orientador: Prof. Dr. Júlio Araújo

FORTALEZA-CE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V719c Vieira, Wesley Linhares.

A comunidade discursiva dos booktubers : percursos de análise de comunidades virtuais /
Wesley Linhares Vieira. – 2018.
108 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Júlio Araujo.

1. Comunidade Discursiva. 2. Booktubers. 3. BookTube. 4. YouTube. 5. Vídeo-resenhas.
I. Título.

CDD 410

WESLEY LINHARES VIEIRA

A COMUNIDADE DISCURSIVA DOS *BOOKTUBERS*: PERCURSOS DE ANÁLISE DE
COMUNIDADES VIRTUAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Linguística.
Área de concentração: Linguística

Aprovado em: 06/08/2018

BANCA EXAMINADORA

Dr. Júlio César Rosa de Araújo (Orientador)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Ana Maria Pereira Lima
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa
Universidade Federal do Ceará - UFC

AGRADECIMENTOS

Agradecer é demonstrar sutilmente algum reconhecimento, alguma importância. É neste sentido que me utilizo deste espaço para comemorar a colaboração de pessoas e gatinhos na construção deste empreendimento acadêmico.

Tudo começou pelo cuidado transformado em atos e ações cujo valor é incalculável e, por isso mesmo, só posso **agradecer**. À minha mãe, Zélia, pelo dom da vida e pelos cuidados diários. À minha tia Deléia, pelo zelo de infância interrompido pelas correntezas que nos afasta da tolerância. À minha avó materna, Dejesus, por acreditar nas pessoas. Também aproveito para reconhecer a participação, mesmo longínqua, de meu pai, Helder.

Depois veio a necessidade de ser ouvido, defendido, compreendido e, nos momentos difíceis, ser elevado. Dirijo, por isso, o meu **muito obrigado** à minha irmã Jaline e aproveito para saudar meus sobrinhos: William, Ana Beatriz, Alexandre Filho, Maria Eduarda, Alice e Isadora.

E, quando a calma chegou, eu estava na UFC, em um dos cantinhos que conheço tão bem. Aqui, encontrei-me com o melhor de mim. Encontrei-me com amigos, professores, bibliotecários, funcionários e com o Augusto, um amor-amigo, a quem sou **grato** pela paciência, pelo respeito e por me trazer os gatinhos Mia, Valentin (*in memoriam*) e Amélie (*in memoriam*).

Na UFC, encontrei também uma mãe acadêmica, a professora Margarete, com quem aprendi humildade, profissionalismo, comprometimento e, principalmente, que *tudo pode ser dito quando se sabe dizer*. Mais tarde, ganhei, ainda, um pai acadêmico, meu orientador, Júlio Araújo, a quem destino um **especial agradecimento** pelo tempo despendido nessa pesquisa e por me apresentar ao Rafael Rodrigues, cujas contribuições, em razão da qualificação, são dignas de agradecimentos. Gratidão em especial à professora Ana Maria Lima pelas contribuições na versão final desta pesquisa e pela participação na defesa. Por fim, agradeço aos colegas e aos funcionários do PPGL-UFC, com os quais convivi harmoniosamente e aprendi muito.

Muito obrigado!

*E os ventos sopram
Sopram...*

RESUMO

Neste estudo, adotamos a proposta teórico-metodológica de John M. Swales (1990; 1992; 1998) para análise de comunidades discursivas e as perspectivas metodológicas da etnografia virtual (HINE, 2000), no intuito de compreendermos a singularidade comunicativa do grupo BookTube. Neste sentido, o percurso teórico escolhido entende que a produção de um gênero está intrinsecamente relacionada com as condições sociais e históricas nas quais os usuários e produtores estão inseridos. No que tange à noção de comunidade discursiva, apoiamo-nos, teoricamente, em Swales (1990; 1992; 1998), autor que investigou os critérios necessários para que um grupo possa ser entendido como uma comunidade discursiva. Pautamo-nos, ainda, nos estudos realizados por Biasi-Rodrigues (1998), Bernardino (2000), Araújo (2003), Gaede (2003), Catunda (2004) e Lima (2008) a fim de compreendermos de que modo uma comunidade cujas práticas florescem na web se diferencia daquelas estudadas por esses autores. No que concerne à metodologia empregada, utilizamo-nos dos princípios da etnografia virtual de Hine (2000), a qual entende que os estudos dos eventos espalhados na internet favorecem a compreensão dos indivíduos e das práticas desenvolvidas por eles. Com isso, analisamos, de início, 100 (cem) canais de *booktubers*, os quais possibilitaram a identificação de três (03) canais: dois (02) de *booktubers* experientes e um (01) de *booktuber* iniciante, a partir dos quais extraímos os materiais netnográficos necessários para compreendermos a complexidade do grupo virtual objeto desta pesquisa. O estudo evidenciou as especificidades da comunidade BookTube e concluiu que, embora as atividades sejam realizadas na virtualidade, os critérios são preenchidos.

Palavras-chave: Comunidade Discursiva. Booktubers. BookTube. YouTube. Video-
resenhas.

ABSTRACT

In this research, the theoretical-methodological proposal from John M. Swales (1990; 1992; 1998) was used for the analysis of discourse communities, and the methodological perspectives of virtual ethnography (HINE, 2000) with the intention of understanding the communicative singularity of the *booktube* group. Hence, the theoretical approach chosen assumes that the production of a genre is intrinsically related to the social and historical conditions in which the users and producers are inserted. As for the notion of what a discourse community is, we rely, theoretically, on Swales (1990; 1992; 1998), the author who investigated the necessary criteria for a group to be classified as a discourse community. We also relied on the studies conducted by Biasi-Rodrigues (1998), Bernardino (2000), Araújo (2003), Gaede (2003), Catunda (2004) and Lima (2008) in order to understand how a community whose practices are born on the web is different from those studied by these authors. Concerning the methodology used, we applied the principles of the virtual ethnography from Hine (2000), which considers that the study of events that take place on the internet benefit the comprehension of individuals and their practices. Thus, we initially analysed one hundred (100) booktube channels and identified three (03): two (02) experienced booktubers and one (01) beginner, from whom we extracted the necessary netnographic materials to better understand the complexity of this virtual group, aim of this research.

Keywords: Discourse Community. Booktubers. Booktube. YouTube. Video-reviews.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Criadores, espectadores e anunciantes no YouTube	38
Figura 02 – Opções da ferramenta “Classificar por” no Youtube.....	46
Figura 03 - Vídeos Recomendados com base nos vídeos assistidos.....	52
Figura 04 – Participação de booktubers no Facebook	57
Figura 05 – A hashtag booktuber no Instagram	58
Figura 06 – Feed de Eduardo Cilto.....	59
Figura 07 – Feed de Tatiana Feltrin	60
Figura 08 – Feed do canal BookWindow	60
Figura 09 – Comentários no Instagram da Tatiana Feltrin	60
Figura 10 – Exemplo de contas seguidas por Laiara Lacerda no Instagram	61
Figura 11 – Perfil de Tatiana Feltrin no Twitter	63
Figura 12 – Pesquisa pelo termo “booktuber” no Twitter	64
Figura 13 – Busca pelo termo “booktuber” opção “pessoas”	65
Figura 14 – Perfil de Laiara Lacerda no Skoob	66
Figura 15 – Perfil do livro Traços, de Eduardo Cilto, no Skoob	67
Figura 16 – Criação de playlist	70
Figura 17 – Ferramenta comentários no YouTube	71
Figura 18 – Vídeo termos para booktubers	78
Figura 19 – Vídeos de iniciação de booktubers	80
Figura 20 – Vídeos como ser um booktuber	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplos de canais de booktubers brasileiros experientes	45
Quadro 1 – Exemplos de canais de booktubers emergentes	45
Quadro 3 – Movimentos retóricos de resenhas	73
Quadro 4 – Terminologias recorrentes no BookTube	76

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CD	Comunidade Discursiva
CDV	Comunidade Discursiva Virtual
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
URL	Uniform Resource Locator (Localizador Padrão de Recursos)
RS	Rede Social
RSs	Redes Sociais
SRS	Site de Rede Social
SRSs	Sites de Redes Sociais
TT	Trends Topics

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 COMUNIDADES DISCURSIVAS.....	22
2.1 Swales e o conceito de gênero e de comunidade discursiva.....	22
2.2 Aplicação das teorias de Swales.....	27
3 OS SITES DE REDES SOCIAIS E AS COMUNIDADES VIRTUAIS.....	34
3.1 Sites de Redes Sociais	34
3.2 YouTube e a web 2.0	35
3.3 Comunidades Virtuais	38
3.4 Comunidades Discursivas Virtuais	40
4 DECISÕES METODOLÓGICAS	42
4.1 Caracterização da pesquisa	42
4.2 Delimitação do universo e amostra	44
4.3 Gerenciamento dos dados	47
4.4 Procedimentos de análise dos dados	48
5 A COMUNIDADE DISCURSIVA DOS BOOKTUBERS	50
5.1 Os objetivos e os propósitos comunicativos dos booktubers	51
5.2 Os mecanismos de intercomunicação e de participação dos booktubers	55
5.3 Os gêneros	71
5.4 As terminologias específicas	75
5.5 A hierarquia	78
6 CONCLUSÕES	82
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICES	90

1 INTRODUÇÃO

É sabido que a internet vem provocando mudanças no comportamento e no modo como os sujeitos desenvolvem as atividades cotidianas. Essa afirmação, apesar de clichê, está presente em diferentes estudos das mais diversas áreas de conhecimento, as quais buscam interpretar os benefícios, os malefícios e, principalmente, os resultados da convivência humana com a tecnologia e, de modo mais específico, com as tecnologias de informação. O desejo por respostas emerge da necessidade de oferecer soluções para os problemas decorrentes dessas transformações.

Dentre essas inquietações, saber de que modo os indivíduos estão integrados à web por meio de sites e de aplicativos e como as práticas sociais foram alteradas a partir do uso de ferramentas digitais, seja no campo da educação, da comunicação, da mídia ou, até mesmo, nas relações pessoais, é crucial para desenvolvermos novos conceitos científicos aos saberes alterados pela convergência das tecnologias com a humanidade.

Nesse contexto, as pesquisas acerca da comunicação humana mediada por computadores e por aparelhos móveis têm possibilitado revelar aspectos sociais da linguagem, como, por exemplo, descrever os novos comportamentos linguísticos na *web*. A Primavera Árabe e as manifestações ocorridas no Brasil em 2013 exemplificam a capacidade de a rede mundial de computadores promover integrações entre pessoas que não se conhecem, mas que têm interesses comuns.

Nossa proposta é analisar um destes usos específicos da linguagem. Desse modo, **pautamos nossa análise no fenômeno *booktube* a fim de compreendermos de que modo preenche as características de uma comunidade discursiva virtual a partir do reconhecimento das práticas discursivas, dos usos específicos da linguagem, dos valores e identidade do grupo.**

Booktube é como são denominados os canais do YouTube produzidos pelos *booktubers*, indivíduos que usam a plataforma para falar de livros, discuti-los e resenhá-los¹. Como o próprio nome sugere, formam uma comunidade virtual no *YouTube* interessada em assuntos literários.

¹ Segundo Araújo (2016), um dos gêneros mais praticados por essa comunidade é a vídeo-resenha.

O tema aqui proposto insere-se em um projeto de pesquisa mais amplo, intitulado "Reelaborações de Gêneros em Redes Sociais" (Projeto REGE)², em andamento no grupo de pesquisa Hiperged, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Nosso interesse pelo assunto surgiu no começo de 2016, quando os *booktubers*, também conhecidos como *vlogs* literários, começaram a repercutir na mídia brasileira e dezenas de canais foram criados no YouTube, formando uma rede de produção de conteúdos literários na web.

Buscamos entender, naquele momento, de que forma os sujeitos adaptavam os *vlogs* dos EUA para o cenário brasileiro e quais eram os livros que lhes interessavam, deparamo-nos, então, com uma complexa rede colaborativa de produção de resenhas de obras infanto-juvenis já formada no Brasil, favorecendo inúmeras possibilidades de estudos.

Nos EUA, por exemplo, Sorensen e Mara (2014) examinaram como o *Booktube* pode contribuir para modelar práticas em ambientes educacionais tradicionais. No Brasil, Araújo (2016) e seus orientandos do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) desenvolvem pesquisas que objetivam entender como as resenhas de livros se atualizam na rede social YouTube, conforme já salientamos.

Além das pesquisas em perspectiva linguística apresentadas no parágrafo anterior, publicitários, jornalistas e bibliotecários também se interessaram pelos *booktubers*. Entre estes, destacamos os pesquisadores Jeffman (2014) e Comba e Toledo (2015), cujos estudos reforçam o poder das práticas virtuais.

Jeffman (2014) investigou a interseção entre o mercado de livros e os novos hábitos de consumo literário, entendendo os *booktubers* como transformadores do ato de consumir literatura, concluiu que as redes sociais, diferentemente do que ela pensava anteriormente, não aniquilam o ato de ler, podendo até impulsionar o consumo de livros. Jeffman (2017) realizou, ainda, pesquisa doutoral acerca dos desdobramentos da concepção de livro e de leitura com o advento das redes sociais. Entendendo os consumidores da comunidade *booktube* como leitores em rede, a

² A versão atual do Projeto REGE, coordenado e desenvolvido pelo meu orientador, Prof. Dr. Júlio Araújo, tem como objetivo geral "analisar a resenha de livros no âmbito das redes sociais digitais Skoob e YouTube, considerando as estratégias de distribuição de informações na resenha escrita publicado no Skoob em comparação com a resenha oral publicada em forma de vídeo no BookTube." (ARAÚJO, 2016, p.3).

autora concluiu que a literatura se torna popular nas redes sociais sem que isso signifique o abandono do livro, pelo contrário, os jovens acabam sendo estimulados a ler mais, pois encontram um ambiente de participação e de identidades que norteiam a prática leitora.

Comba e Toledo (2015), analisando a renovação dos conteúdos nas redes sociais, elencaram uma nova forma de resenhar livros, a qual denominamos *video-resenhas*. Os autores entendem os *booktubers* como agentes transformadores da produção e do consumo de cultura proporcionados pelas tecnologias digitais.

Como vimos, as possibilidades de estudar o fenômeno *booktube* são diversas e necessárias, uma vez que representa uma nova prática discursiva capaz de modificar o comportamento linguístico dos sujeitos. Bhatia (1999, p. 23) entende as práticas discursivas como “procedimentos, orais ou escritos, estabelecidos por indivíduos, que rotineiramente entendem estas como parte de seu trabalho diário e como parte importante da cultura disciplinar dos grupos sociais dos quais participam”. O autor entende a importância de verificar nas práticas sociais as razões para as configurações das práticas linguísticas.

Destarte, a partir da proposta teórico-metodológica de Swales (1990; 1992; 1998) para análise de comunidades discursivas procedemos um estudo etnográfico da comunidade *booktube*. Esse caminho teórico deve-se ao fato de entendermos que, para Swales, a produção de um gênero está intrinsecamente relacionada com as condições sociais e históricas nas quais os usuários e produtores dos gêneros estão inseridos. Desse modo, faz-se necessário analisar as especificidades comunicativas da sociedade a fim de entendermos os contextos de cada CD e a emergência ou estabilidade das práticas comunicativas.

O interesse por caracterizar o grupo *booktube* como uma genuína comunidade discursiva se consolida após tomarmos ciência das pesquisas realizadas por Bernardino (2000), Araújo (2003), Gaede (2003), Catunda (2004) e Lima (2008), em torno de comunidades discursivas, no sentido concebido por Swales (1990; 1992; 1993; 1998), para quem *uma comunidade discursiva é um grupo sociorretórico heterogêneo que compartilha objetivos e interesses comuns*. Apresentaremos estas pesquisas nos próximos seis parágrafos, para, em seguida, diferenciarmos a nossa proposta de pesquisa das anteriormente realizadas.

Bernadino (2000), a partir das discussões realizadas por membros dos Alcoólicos Anônimos em listas de e-mail na internet, buscou descrever o grupo como

comunidade discursiva, utilizando, para isso, a metodologia de identificação de CD proposta por Swales. A pesquisadora concluiu que os Alcoólicos Anônimos formam de fato uma CD e que o gênero depoimento dos alcoólicos anônimos possuía relativa estabilidade retórica, contribuindo, assim, com as pesquisas dos comportamentos verbais de grupos não acadêmicos em perspectiva sociorretórica no Brasil.

Araújo (2003) estudou a comunidade discursiva dos *tanans*, formada por um grupo de amigos virtuais de uma sala de *chat* do provedor Uol, com dois grandes objetivos: 1) descrever a transmutação do diálogo cotidiano (face a face) para a Web com vistas a identificar as marcas desta transmutação como elementos caracterizadores do gênero *chat*; 2) verificar se os participantes desta sala de *chat* específica, de fato, preenchem, etnograficamente, os critérios de uma CD. A análise realizada pelo autor, em 2003, constatou que os *tanans* eram membros de uma comunidade discursiva virtual e, que o *chat* pode ser entendido como um gênero do discurso.

Gaede (2003) também caracterizou como comunidade discursiva um grupo de internautas que se utilizavam de um fórum de discussão e de uma sala de bate-papo para tratar da obra "O senhor dos anéis", de autoria de J. R. R. Tolkien (1954). Após descrever o grupo, segundo os critérios de reconhecimento de CD proposto por Swales, a autora verificou que de fato tratava-se de uma CD.

Catunda (2004) aplicou os seis critérios postulados por Swales com vistas a caracterizar os operadores do direito como uma comunidade discursiva. A autora analisou o gênero jurídico acórdão. O estudo de Catunda diferencia-se dos demais apresentados anteriormente quanto à esfera que abriga os gêneros analisados, já que os primeiros trataram de ambientes não acadêmicos e não profissionais, enquanto este analisou um ambiente profissional. A autora concluiu que apenas quando se consideram os operadores de direito estamos diante de uma comunidade discursiva, pois os gêneros jurídicos incidem sobre todos os indivíduos de uma sociedade.

Lima (2008), em sua dissertação de mestrado, na qual analisou blogs, propôs uma reformulação no conceito de CD de Swales (1990; 1992; 1998). Para Lima (2008), os critérios i) mecanismos de participação; ii) mecanismos de intercomunicação; iii) gêneros utilizados podem ser agrupados, pois considera que os gêneros são formas de participação como outra qualquer e a participação é uma forma de intercomunicação em qualquer grupo.

O autor defendeu, ainda, que existem comunidades discursivas globais e comunidades discursivas locais, ou seja, comunidades mais genéricas e comunidades mais específicas. Aplicando as propostas teóricas aos blogs, segundo Lima (2008), toda comunidade blogueira forma uma CD global e cada blog se constitui como uma CD local, a exemplo do “Bar do Escritor”, blog analisado pelo autor.

O que estes estudos têm em comum é que todos analisam CD segundo Swales (1990; 1992; 1998) e contribuem, principalmente, com a perspectiva de analisar gêneros levando-se em conta as práticas sociais. Outro ponto importante é que as aplicações das teorias se deram tanto em ambientes profissionais, quanto em ambientes recreativos. Além disso, excetuando o trabalho de Catunda (2004), as pesquisas acompanham a evolução das práticas discursivas ocorridas na internet, o que permite assegurar que as teorias e as metodologias propostas por Swales (1990; 1992; 1998), embora não tenham sido desenhadas para a análise de interações virtuais, são adaptáveis aos comportamentos cibernéticos, evidenciando, assim, o caráter flexível dos critérios estabelecidos pelo autor.

Contudo, mesmo a pesquisa de Lima (2008) realizada depois de 2004, ano em que se populariza a web 2.0 e que data as transformações nos conteúdos dos websites, os quais passam a enxergar o usuário como produtor de conteúdo, confere a CD analisada um *status* mais linear dos comportamentos linguísticos, os membros integram ambientes mais restritos, nos quais novos participantes precisam ser instruídos por participantes veteranos, ou seja, a inserção de um membro em uma CD exige domínios, letramentos, instruções etc. Nesse sentido, resta-nos saber se a maior conectividade, o compartilhamento de conteúdo, a organização do conteúdo realizada pelo próprio usuário e o fato desses conteúdos serem compartilhados em variadas comunidades discursivas alteram os percursos propostos por Swales (1990; 1992, 1998), na medida em que os conteúdos são criados e divulgados pelos próprios produtores, os quais integram incontáveis comunidades virtuais e se utilizam da internet para construir conhecimentos e letramentos.

Sendo assim, nenhuma dessas pesquisas foram realizadas no contexto de redes sociais, pelo menos como estão desenhadas hoje, e mais especificamente no YouTube, o terceiro site mais visitado do mundo, fatores que nos asseguram um caminho particular, pois entendemos que as práticas discursivas foram impactadas pelos mecanismos de produção e compartilhamento de conteúdo, como discutimos no parágrafo anterior.

Além disso, pretendemos refletir o caráter transdisciplinar da teoria swalesiana, ao passo que o esforço teórico-metodológico de Swales permite abordagens retóricas, sociológicas, de ensino e, principalmente, linguísticas, já que são as marcas discursivas flagradas em caráter etnográfico que possibilitam a análise dos dados.

Resultará, ainda, do estudo etnográfico virtual (HINE, 2000) que aqui propomos: 1) a descrição de como uma CD virtual específica interage com outras CD virtuais formando nichos dentro de um espaço maior, que possui mecanismos preestabelecidos ou corriqueiros; 2) a descrição de como uma CD atualiza seu léxico a partir das práticas do ambiente virtual mais utilizado por seus membros; 3) a análise de como a web 2.0 impactou a formação de CD virtuais. Muito embora, estes não sejam os objetivos de nosso trabalho, entendemos que a metodologia empregada e os contextos nos quais nossa pesquisa se enquadra nos possibilitará compreender estes e outros fenômenos instaurados pelos comportamentos dos sujeitos com as novas tecnologias.

A produção de vídeos caseiros exemplifica esse novo comportamento, na medida em que a prática foi possibilitada pela universalização dos meios de produção audiovisual. O surgimento de equipamentos como as primeiras câmeras fotográficas e, mais recentemente, a popularização dos *smartphones* facilitaram a produção de conteúdo que pode ser divulgado na internet. Em 2005, junto com a contínua popularização desses equipamentos, surge o site *YouTube*, uma plataforma que agrega vídeos produzidos, principalmente, por amadores.

Equipamentos mais acessíveis e ambiente virtual de divulgação elaborado e difundido, facilidade de adaptarmos esses vídeos a partir de *remix* por meio de programas instalados no próprio computador ou *smartphone* e possibilidade de divulgarmos em outras redes sociais resultaram no espraiamento do ato de produzir, editar, fazer o *upload* e, principalmente, consumir vídeos.

O consumo de vídeos, segundo a Pesquisa *Visual Networking Index (VNI)*, dobrou em 2015 comparando a 2014 e a previsão é que irá aumentar dez vezes até 2020, isso sem considerar a distribuição *peer to peer*³.

³*Peer to peer* é uma arquitetura de redes de computadores na qual cada um dos pontos ou nós da rede funciona tanto como cliente quanto como servidor, permitindo compartilhamentos de serviços e dados sem a necessidade de um servidor central. Um dos mais conhecidos sistemas utilizados nessa arquitetura é o Torrent.

Toda essa diversidade de conteúdo é organizada por *tag's*, as quais funcionam como pastas que agregam conteúdos similares e facilitam a busca por um assunto, tanto nos sites, como na web. Essas *tag's* permitem, ainda, unir consumidores e produtores de conteúdos com objetivos semelhantes, ou seja, formam nichos dentro de um espaço cada vez maior. Neste cenário, surgiram, por exemplo, os *youtubers*, entendidos, aqui, como indivíduos que criam páginas pessoais no YouTube e produzem diariamente conteúdos para os seus “canais”. Acompanhando o próprio comportamento da sociedade, alguns ganham mais visibilidade, o que pode ser verificado pela quantidade de curtidas, pela quantidade de comentários, pela repercussão em outras mídias e, principalmente, pela quantidade de inscritos nos canais.

Alguns membros, portanto, além de consumir, interessam-se por produzir conteúdos na intenção de serem vistos, compartilharem suas ideias, divulgarem seus trabalhos etc. E fazem isso, obviamente, por meio da linguagem audiovisual, ou seja, utilizam-se da modalidade oral para discorrerem face a câmera sobre um assunto específico, ou debaterem ideias, ensinarem receitas, testarem produtos, entre outros propósitos que é impossível elencar. Interessa-nos, neste momento, uma prática que, como já foi dito no início desta seção, vem ganhando cada vez mais adesão, tanto de consumidores quanto de produtores, a qual situa-se na intenção de debater obras literárias.

Com câmeras e livros, indivíduos debatem acerca de obras literárias e, principalmente, elaboram resenhas orais dos últimos livros lidos por eles, estes sujeitos se autodenominam *booktubers* e formam um nicho denominado *booktube* Brasil, um conjunto de canais nos quais os *booktubers* constroem contribuições literárias, não como simples leitores, mas como críticos literários. Para tanto, criam especificidades no intuito de se divulgarem e manterem suas práticas, seja por mecanismos intersemióticos que os distingam dos demais ou por marcas lexicais que são elaborados no contexto virtual no qual estão inseridos.

Tais posturas nos levam a acreditar que os *booktubers* merecem nossa atenção e esforço a fim de estudá-los como uma CD, continuando a tendência em investigar linguagem em ambientes virtuais e descrever o percurso das intercomunicações globais.

O objetivo geral da presente pesquisa é, portanto, **analisar de que modo o grupo *booktube* preenche os critérios de identificação de CD elaborados por Swales.**

E, especificamente, busca-se:

- Descrever o conjunto de objetivos e interesses que os membros do grupo *BookTube* mantêm em comum, relacionando-os ao principal gênero utilizado pelos indivíduos dessa comunidade.
- Identificar os principais gêneros que organizam a comunicação entre os membros e outros mecanismos de intercomunicação, evidenciando os propósitos, valores e identidade do grupo *BookTube*.
- Analisar as especificidades do léxico utilizado pelos membros da comunidade discursiva, identificando a finalidade de singularizar as terminologias.

Nesse sentido, intentamos responder às seguintes questões de pesquisa:

- Que objetivos, interesses, valores, identidades compartilham os membros do grupo *BookTube*?
- De que forma os gêneros e outros mecanismos de intercomunicação constituem a rede de interação deste grupo?
- Que finalidades têm os *booktubers* em especificar o léxico do grupo?

Consideramos que os *booktubers* preenchem as características de uma comunidade discursiva virtual, pois instauram práticas culturais no ciberespaço pelas quais se distinguem das outras comunidades, além disso, realizam atividades sociais de acordo com convenções discursivas específicas, compartilham os mesmos interesses e elaboram, adaptam e utilizam mecanismos para as interações entre seus membros.

Reiteramos a relevância que nossa pesquisa trará para a Ciência Linguística e, mais precisamente, para os estudos de Linguagem e Tecnologia, seja por investigar

fenômenos emergentes de linguagem que estão modificando as práticas discursivas dos sujeitos e impactando transformações que se iniciam na e pela linguagem, mas que modificam toda uma estrutura social, seja por contribuir com futuros trabalhos de identificação de uma CD instalada em redes sociais da web, tanto pela validação e reformulação da teoria e da metodologia de Swales, quanto pela energia intelectual dispensada a esta pesquisa, embora passível de refutação.

A presente dissertação de mestrado tem continuidade nos capítulos subsequentes conforme o seguinte roteiro:

No **capítulo 2** – Comunidades Discursivas – apresentamos, inicialmente, as bases teóricas de nossa pesquisa para, em seguida, defendermos uma possibilidade de reformulação do conceito de CD.

No **capítulo 3** - Os Sites de Redes Sociais e o YouTube – discorreremos sobre os sites de redes sociais e caracterizamos o YouTube enquanto uma plataforma que possibilita a formação de comunidades discursivas.

No **capítulo 4** – Decisões Metodológicas – descrevemos as etapas da pesquisa e os procedimentos necessários para a consecução de nossos objetivos.

No **capítulo 5** – A Comunidade Discursiva dos Booktubers – analisamos de que maneira os critérios de Swales são atendidos para que possamos afirmar que o grupo estudado é uma CD.

Por fim, no **capítulo 6** – Conclusões – refletimos acerca dos resultados da pesquisa e dissertamos sobre as contribuições resultantes da investigação, além de sugerirmos a continuidade da pesquisa a partir da análise dos gêneros prototípicos da comunidade.

2 COMUNIDADES DISCURSIVAS

Neste capítulo, apresentamos os princípios teóricos e metodológicos de John Swales, os quais embasam nossa pesquisa. Em seguida, resumimos os principais estudos relacionados à identificação de CD no sentido de ressaltar as contribuições à teoria swalesiana.

2.1 Swales e o conceito de gênero e de comunidade discursiva

A abordagem teórica e metodológica de Swales enquadra-se no campo dos estudos sociorretóricos. Trata-se de uma perspectiva para a compreensão das práticas de linguagem no interior de comunidades discursivas. É também uma proposta de análise de gênero por intermédio dos contextos de produção. A dimensão da contribuição de Swales, no entanto, não está limitada a determinar gêneros, propósitos comunicativos, comunidades discursivas ou modelos retóricos, mas, sobretudo, no que resulta da caracterização de uma CD, de um gênero, da validação de um propósito, por exemplo, já que as metodologias elaboradas pelo britânico, permitem investigar especificidades do uso da língua, ou seja, como um evento comunicativo se estabelece ou como uma determinada comunidade discursiva realiza sua comunicação.

O recorte metodológico de nossa pesquisa serve-se da proposta de análise de comunidades discursivas propostas por John Swales (1990; 1992, 1993; 1998), que já mostrou ser adequada e flexível na análise de cenários diferentes dos analisados pelo autor, uma vez que os estudos realizados por ele focalizaram principalmente as comunidades acadêmicas, enquanto em nossa pesquisa, assim como já realizado por outros autores⁴, analisa-se uma comunidade virtual.

Nas próximas seções, apresentamos os conceitos de gênero e de comunidade discursiva desenvolvidas e revisadas pelo autor.

2.1.1 O conceito de gênero textual

⁴ Algumas destas pesquisas são apresentadas no capítulo de Introdução e retomadas no final deste capítulo.

Os estudos de Swales enfocando gêneros e comunidades discursivas foram publicados no final da década de 1980, os quais se apoiam em análises linguísticas no interior dos contextos das práticas cotidianas. Desse modo, a elaboração de textos está sempre apoiada nas práticas sociais. Ou seja, para o autor, as escolhas linguísticas que configuram um texto são determinadas pelas práticas sociais dos sujeitos, sendo os gêneros resultados dos propósitos comunicativos dos grupos que esses participam. Trata-se, portanto, de uma importante contribuição ao ensino, por entender que os indivíduos, quando conscientes de suas atividades cotidianas nos diversos grupos sociais dos quais participam, enxergam as motivações do ensino de gênero, facilitando a aprendizagem.

As perspectivas de estudos adotadas pelo britânico entendem o gênero como:

uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um certo conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da **comunidade discursiva** original e desse modo passam a constituir a razão subjacente ao gênero. A razão subjacente delinea a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é um critério privilegiado, pois opera no sentido de manter o escopo do gênero estreitamente ligado a uma ação retórica compatível ao gênero (SWALES, 1990, p. 58, grifo nosso).

Este conceito de gênero evidencia cinco características, as quais permitem determinar o *status* de gênero. A primeira característica do gênero está relacionada às classes de eventos comunicativos, nas quais textos que têm objetivos semelhantes são agrupados baseando-se nas ações comunicativas, nas funções discursivas e nos ambientes onde os participantes produzem e recebem os discursos.

A segunda característica do gênero está relacionada com os objetivos de um gênero na sociedade, ou seja, os propósitos comunicativos, entendidos primeiramente como definidores de um gênero e, mais tarde, revisado por Swales (2004), já que nos estudos anteriores o autor não considerou a dificuldade de identificar os propósitos comunicativos, visto que muitas vezes estes não são visíveis ou objetivamente claros, além disso pode haver múltiplos propósitos. Em trabalho conjunto com Askehave (ASKEHAVE, SWALES, 2001), Swales inicia a revisão do papel dos propósitos comunicativos, na qual, concordando com Bhatia (1997), afirma a possibilidade de um membro mais experiente de um grupo manipular os elementos constituintes de um gênero para desenvolver seus propósitos pessoais, nesse sentido o propósito não seria claro a todos os membros. Desta revisão, resulta um modelo de análise dos

propósitos comunicativos, o qual o autor denominou “repropósito do gênero”. Portanto, o propósito comunicativo não deve ser entendido como o único ou principal critério de identificação de um gênero, mas como um dos critérios a ser considerado na investigação de um gênero.

A terceira característica indica a forma de realização dos gêneros, a prototipicidade, a qual colabora com a classificação de exemplares de texto como pertencente a um determinado gênero, uma vez que os protótipos de um gênero indicam um modelo mais geral de como este é realizado.

A quarta característica é a lógica ou razão subjacente. A razão ou lógica de um gênero está relacionada aos propósitos. As convenções resultam do estabelecimento lógico do propósito de um gênero. Um gênero que pode ser confundido com outro terá, nesse sentido, características semelhantes, porém a razão ou lógica subjacente contribuirão para diferenciá-los, uma vez que os propósitos comunicativos também serão distintos. Desse modo, os propósitos comunicativos indicam a lógica de realização de um gênero.

A quinta característica dos gêneros é que estes detêm uma terminologia elaborada pela comunidade discursiva onde são utilizados. As denominações dos gêneros, por exemplo, são determinadas pelos membros que possuem mais experiência na comunidade discursiva.

As cinco características supra apresentadas permitem entender que os gêneros são propriedades de comunidades discursivas, as quais padronizam e convencionam suas atividades comunicativas.

Apresentamos o conceito de gênero no intuito de assegurarmos o papel definidor das práticas dos sujeitos na configuração dos eventos comunicativos, objetivo maior de nossa pesquisa. Na seção seguinte, expomos o conceito de CD.

2.1.2 O conceito de comunidades discursivas

Como vimos na seção anterior, a proposta de Swales (1990) para análise de gêneros requer o conhecimento das atividades desempenhadas pelos membros de um grupo, já que, para ele, “os gêneros pertencem a comunidades discursivas” (SWALES, 1990, p.09). Nesta seção, apresentamos as propostas swalesiana para a identificação de uma CD.

O autor define *comunidade discursiva* como “um grupo sociorretórico heterogêneo que compartilha objetivos e interesses ocupacionais ou recreativos” (SWALES, 1992, p. 8), nesse sentido diferencia seu conceito do de *comunidade de fala*, pois esta é composta por grupos homogêneos de uma mesma região geográfica, enquanto aquela é formada por membros heterogêneos que se constituem e almejam mesmos objetivos em determinados contextos sociais, seja por questões acadêmicas, profissionais ou recreativas.

Nesse sentido, o autor define seis critérios para a identificação de uma comunidade discursiva, entendendo que os membros de uma CD:

- Têm mesmos objetivos ou interesses;
- Realizam suas práticas discursivas por meio de mecanismos de intercomunicação;
- Utilizam mecanismos de participação, os quais permitem o *feedback* e a participação dos membros;
- Elaboram ou apropriam-se de um ou mais gêneros para articularem suas atividades e objetivos em comum;
- Elaboram léxico específico para o uso do gênero, e
- Possuem uma organização hierárquica na qual os membros novatos são inseridos nas práticas do grupo por membros especializados.

Esta proposta inicial de Swales foi bastante criticada, pois concebe uma comunidade discursiva como um grupo acabado, sem levar em consideração que a sociedade atualiza e modifica suas práticas. Assim, em 1992, Swales revisa os critérios até então estabelecidos e percebe que os princípios não compreendem “novas maneiras de realizar as coisas, novos gêneros, novos temas, novos produtos e a criação de novos espaços de pesquisas” (SWALES, 1992, p. 2) e, assim, propõe algumas modificações à proposição inicial.

Assim, a nova proposta de Swales (1992) leva em consideração os muitos grupos sociais que os indivíduos participam e os contatos de uma comunidade discursiva com outros membros, tornando-se uma rede de interações passíveis de modificações provocadas pelas interinfluências de outras comunidades.

Trataremos mais detalhadamente nos próximos parágrafos acerca dos critérios de identificação de comunidades discursivas reformulados por Swales (1992).

O primeiro critério que define uma CD é a existência de um conjunto de objetivos, os quais podem ser descritos formalmente ou serem reconhecidos

informalmente pelos membros (SWALES, 1992, p.7). Os objetivos ou interesses em comum são responsáveis pelas escolhas de gênero e pela inserção de um novo membro, também é responsável pela permanência desses indivíduos no grupo, pois, quando não há pelo menos um grande objetivo em comum, ocorrem atritos que podem desequilibrar a comunidade. O principal avanço trazido pela reformulação desse critério está em perceber que os valores, interesses e objetivos de uma comunidade não impedem as divergências entre os membros, como é natural em qualquer grupo, mas que existem objetivos individuais e dos grupos, os últimos importam à formulação das práticas da CD e encontram-se pelo menos subentendidos por todos os integrantes.

O segundo critério para a identificação de uma CD é a existência de mecanismos de intercomunicação (SWALES, 1992, p.7), os quais objetivam as trocas de informações entre os membros. Esses recursos mantêm as crenças e os valores da comunidade na medida em que os indivíduos podem se reconhecer como pertencentes a um grupo por utilizarem ou produzirem esses mecanismos. Para Swales (1990) esses mecanismos possibilitam o *feedback* e a produção ou recepção de informações adicionais, uma vez que, para o autor, não é necessário o contato entre os participantes, desde que exista uma base que integre esses sujeitos. É válido ressaltar que esse critério não sofreu nenhuma alteração, pois sem mecanismos não há comunicação e, portanto, não existiriam comunidades.

O terceiro critério swalesiano discorre sobre os mecanismos de participação. Conforme Swales (1992), eles possibilitam o crescimento da comunidade, servem à divulgação das práticas do grupo e promovem a manutenção dos sistemas de valores da CD. A principal reformulação desse critério é entender que as inovações das práticas sociais promovem alterações nos mecanismos de participação. Desse modo, eles não estão definidos e podem ser atualizados no intuito de manter o sistema de crenças e de valores do grupo.

O quarto critério de identificação de uma CD é a utilização de gêneros no sentido de alcançar os objetivos da CD e para a concretização dos mecanismos de intercomunicação e de participação. Os gêneros podem ser de uso exclusivo do grupo ou emprestados de outras comunidades. Nesse caso, os membros adaptam o gênero conforme as práticas específicas desempenhadas por eles. Como vimos na seção 2.1.1, referente à concepção de gênero desenvolvida por Swales, para que um gênero

possa ser definido como tal deve ser entendido o conjunto de ações desenvolvidas pelos membros de uma CD.

O quinto critério estabelecido por Swales (1990) trata das terminologias específicas de uma CD. Diferentemente da proposição de Swales em 1990, a reformulação de 1992 apresenta o léxico como não definido, mas em constante atualização, buscando a especificidade no sentido de conferir identidade ao grupo e às práticas executadas pelos membros dele. O uso das terminologias no contato com pessoas de fora da comunidade possibilita a adoção desses termos por comunidades maiores.

O sexto e último critério versa sobre a hierarquia existente nas CD, que pode ser claramente percebida, como em contextos profissionais, por exemplo. Mas também pode ser implícita, como em situações que não há subordinação formal. Nesse último caso, os membros mais experientes ou mais antigos orientam a entrada de novos membros, os quais precisarão de algum conhecimento para serem inseridos nas práticas do grupo. Da revisão dos critérios resultou a percepção de que não há necessariamente um filtro para saber quem pode ou não ser membro de uma CD, já que os novos membros podem imergir paulatinamente em uma comunidade.

2.2 Aplicações das teorias de Swales

Ilustramos a seguir a aplicabilidade da teoria de Swales em diferentes grupos sociais. Estas pesquisas refletem a flexibilidade da metodologia proposta pelo referido autor para a identificação de comunidades discursivas. Alguns desses estudos atualizam a proposta swalesiana, seja por terem sido realizados em ambientes virtuais ou por revisarem a teoria desenvolvida pelo britânico.

2.2.1 A comunidade discursiva do AA

Os depoimentos da Irmandade dos Alcoólicos Anônimos foram analisados por Bernardino (2000) a fim de caracterizá-los como gêneros produzidos pelos membros da Irmandade, concebendo-os como uma CD nos moldes de Swales. Após uma análise criteriosa, a autora concluiu que o grupo estudado:

adequa-se, sem dificuldades, aos critérios propostos por Swales (1990/92) para a caracterização de comunidades discursivas. Ou seja, os alcoólicos anônimos compartilham objetivos e um sistema de crenças comuns, possuem mecanismos de intercomunicação entre seus membros, utilizam e criam um léxico que lhes é específico, convivem com um movimento constante de adesão de novos membros, ocasionando, assim, uma relação produtiva entre membros experientes e membros iniciantes da comunidade e, por fim, funcionam a partir de uma estrutura orgânica que estabelece níveis explícitos e implícitos de hierarquia. (BERNARDINO, 2000, p. 152)

A autora, como sinalizamos acima, não apresentou grandes dificuldades em enquadrar o grupo pesquisado no modelo proposto por Swales (1990; 1992). Além disso, reafirmou a teoria de análise de gênero proposto por ele. Entendendo a relação do gênero com a CD, ela afirma que “o critério que une tais indivíduos consiste no objetivo comum de compartilhar experiências relacionadas ao tema do alcoolismo que é realizado através do uso compartilhado do gênero depoimento (p. 151)”.

Contudo, Bernardino (2000) discorda de que “gêneros são propriedades exclusivas de comunidades discursivas (p.152) e entende a necessidade de reformular a proposta para que os conceitos possam ser aplicados a outros grupos, nesse sentido os estudos de comunidades “pode conduzir a uma confirmação dos critérios apresentados por Swales, em outros, pode levar a uma reformulação do conceito, o que seria outra importante contribuição (p. 152)”.

Concordamos com Bernardino (2000) quanto à necessidade de reformularmos os conceitos de Swales, pois o próprio cenário social de investigações do autor já foi alterado, como no caso atual das comunicações que ocorrem nos ambientes virtuais e são modificadas, redesenhadas e, assim, os gêneros são reelaborados primeiro por um grupo maior e, depois, por diferentes grupos menores, haja vista o percurso comunicativo das redes sociais, as quais integram uma infinidade de relações dos sujeitos conectados em diversos grupos virtuais.

2.2.2 A comunidade discursiva dos Tananans

Araújo (2003) explorou uma sala de *chat* específica, denominada grupo dos Tananas, e demonstrou a aplicabilidade teórico-metodológica dos critérios de Swales (1990; 1992). O estudo da comunicação em meio eletrônico se mostrou inovador por, pelo menos, dois motivos. Primeiro, porque o autor apresenta os elementos intersemióticos próprios dos recursos do chat, como ferramentas que ampliam as

possibilidades comunicativas, como no caso dos *emoticons*, os quais são entendidos como marcas de transmutação do discurso face a face para os discursos realizados por meio eletrônico.

Segundo, porque a pesquisa evidencia a aplicabilidade da proposta swalesiana em ambientes que parecem não favorecer a presença de uma CD. Sobre isso, Araújo (2003, p. 40) ressalta que, diferente da postura comum de primeiramente compreender o gênero para, em seguida, compreender quem são os sujeitos que o produz, é preciso primeiro defini-lo a partir da comunidade discursiva da qual emerge, para, assim, identificar os propósitos comunicativos e os motivos que levam os envolvidos a utilizar e reconhecer um gênero. Para o autor, o chat, por exemplo, “não é em si uma comunidade discursiva (ou virtual), mas um gênero que pode ser reconhecido e utilizado por uma comunidade”.

A postura adotada por Araújo (2003) permite estabelecer uma relação direta entre a escrita de gêneros e os produtores destes, mesmo quando estamos diante de conversas, as quais podem ser consideradas fluidas demais para se estabelecerem como eventos comunicativos formadores de uma comunidade discursiva. O autor demonstra com seu estudo que há espaço no ambiente digital para a ocorrência de gêneros específicos e que os elementos linguísticos precisam ser adaptados por aqueles que queiram participar dos grupos que se iniciam na web. Mesmo sem objetivar ou mencionar, Araújo (2003) acaba por contribuir com o conceito de letramentos digitais, uma vez que explicita a necessidade dos membros saberem utilizar os mecanismos da plataforma de *chat* da qual a comunidade se utiliza para manter a comunicação.

2.2.3 A comunidade discursiva Sociedade Senhor dos Anéis

Segundo Swales (1992), uma comunidade discursiva mantém um conjunto de objetivos em comum, tais objetivos podem ser bem específicos do grupo e são eles que mantêm as trocas comunicativas. Concordando com o autor, Gaede (2003) realizou um estudo em torno de uma lista de discussão, na qual os membros discutiam as obras de John Ronald Reuel Tolkien e demonstrou que o avanço tecnológico desenvolve o aparecimento de comunidades discursivas virtuais.

Gaede (2003) constatou que, apesar dos critérios propostos por Swales (1992) serem adequados ao estudo realizado por ela, o autor não diferenciou com clareza o

que deveriam ser considerados mecanismos de intercomunicação e mecanismos de participação, ocasionando, assim, análises segmentadas de estruturas que pareciam guardar similaridade. Por isso, Gaede (2003) afirma que a participação é uma das funções da intercomunicação e que, portanto, estas categorias devem ser agrupadas. Consideramos essa perspectiva adotada pela autora de importante relevância, uma vez que os mecanismos de intercomunicação “são os meios pelos quais os membros testam os canais de comunicação”, só podendo ser realizado através da participação dos indivíduos.

Assim como o estudo de Araújo (2003), a pesquisa de Gaede (2003) também reflete a aplicabilidade dos conceitos e critérios de Swales (1992) no que se refere aos estudos de comunidades discursivas formadas por membros que não realizam necessariamente comunicação face a face. Estes estudos englobam um conjunto de análises, as quais apresentam as transformações comunicacionais provocadas pelas tecnologias e, portanto, devem ser consideradas nos estudos de ocorrências das comunicações mediadas por ferramentas digitais.

2.2.4 A comunidade discursiva jurídica

A pesquisa de Catunda (2004) diferencia-se das anteriormente apresentadas, pois esta objetiva descrever uma comunidade profissional. Para tanto, a autora empreende sua análise acerca da comunidade jurídica como um todo e depois analisa a comunidade discursiva do acórdão, assegurando a relação entre os gêneros textuais e as comunidades discursivas. Resulta desta pesquisa uma importante contribuição quanto à relação da comunidade discursiva com as esferas de atividade. Nesse sentido, a autora afirma que:

uma das marcas do gênero é a sua relação com uma esfera de atividade. Sendo assim, podemos supor que não existem gêneros universais, no sentido geográfico do termo, visto que as esferas de utilização da língua são constituídas de signos, e estes são objetos ideológicos, portanto, as esferas são ideológicas. O gênero jurídico acórdão vincula-se à constituição de uma esfera de comunicação própria, vinculada a uma esfera de atividade própria, o que lhe garante o estatuto de gênero textual. Uma das características dessa esfera é a de ser constituída por enunciadores pertencentes às classes mais poderosas. A segunda instância, esfera de atividade onde se dá o acórdão, diferencia-se de qualquer outra dentro do âmbito jurídico, visto que nela a questão deixa de ser entre cidadãos, ou entre cidadão e Estado (na medida em que se questiona a decisão de um juiz, que é a voz do Estado), e passa a ser entre vozes do Estado. Esse fato diz respeito à natureza genérica do

acórdão, que se coloca na sequência responsiva provocada por um recurso, que responde a uma sentença. (CATUNDA, 2004, p. 75)

Como bem salienta Catunda (2004), os gêneros se realizam em torno de grupos que operam discursivamente de modo específico, reafirmando as perspectivas de estudo de Swales (1992). A autora configurou seus estudos de gênero em torno dos preceitos teóricos de Bakhtin (1997), para quem “a língua deve ser entendida como realização do discurso, visto que o uso que se faz da linguagem se faz obedecendo a modelos constituídos socialmente, portanto ela também é constituída na e pela sociedade”.

2.2.5 A comunidade discursiva global dos blogueiros

O último trabalho objetivando descrever uma comunidade discursiva foi realizado por Lima (2008). O autor apresenta o conceito de comunidade discursiva global e comunidade discursiva local após investigar o grupo dos blogueiros e perceber que existe um grupo de blogueiros e um grupo específico em cada blog, já que há especificidades bem marcadas no interior de grandes comunidades. Nos termos de Lima (2008, p. 157, grifos do autor):

propomos dois conceitos a partir do original: [de Swales] um mais geral a que nomeamos **comunidade discursiva global** e um outro mais específico a que chamamos **comunidade discursiva local**. Temos assim, uma comunidade discursiva genérica, que se caracteriza por apresentar objetivos, gêneros e léxico em comum, ao mesmo tempo em que esse grupo se subdivide em outras CDs específicas quanto a objetivos, gêneros e léxico, mas mantendo entre si uma organização hierárquica maior que as une, portanto, como uma comunidade mais ampla a que chamaremos comunidade global

A crítica de Lima (2008) às análises generalizadas de comunidades discursivas é também uma crítica aos trabalhos anteriores, os quais não discorrem sobre como grupos menores formam um grupo maior. É importante ressaltar que a terminologia proposta pelo autor difere da aceção de comunidade discursiva local, proposta por Killingsworth e Gilbertson (1992 apud Swales 1998), já que, para estes, uma comunidade local (ou de lugar) é formada por membros que guardam um *locus* em comum, ou seja, habitam profissional ou recreativamente um mesmo espaço. Em sua pesquisa, Lima (2008) descreve a comunidade “Bar do Escritor”, um blog que reúne escritores não profissionais, considerando o referido blog como parte da blogosfera,

assim este grupo pertence a uma comunidade local, embora não necessariamente ocupem um mesmo espaço geográfico.

Concordamos com Lima (2008), pois, com o avanço das comunicações em ambientes virtuais, o *locus* deixa de ser um espaço geográfico, podendo ser um espaço virtual de trocas constantes, preenchendo os mesmos critérios de comunidades formadas a partir de um *locus físico*, assim como os trabalhos em torno de comunidades discursivas virtuais confirmam.

A teoria e a metodologia proposta por Swales mostraram-se eficientes tanto quando aplicadas em grupos acadêmicos e profissionais, para quem o modelo inicial fora criado, como também nas pesquisas apresentadas anteriormente, cujas aplicações ocorreram em ambientes virtuais. Indagamo-nos, no entanto, se o maior fluxo comunicativo e o fato de conseguirmos integrar um maior número de comunidades virtuais a partir de Redes Sociais não deva ser considerado no percurso de análise de CD, além disso, os interesses de produtores de conteúdo e de consumidores são distintos, podendo gerar o entendimento de que existam comunidades discursivas de produção e comunidades discursivas de consumo. Ambas bastante integradas em um objetivo em comum.

No caso dos booktubers, por exemplo, os integrantes são produtores de conteúdo, e o público consumidor está bastante integrado às práticas discursivas da comunidade, utilizam-se indistintamente dos mesmos mecanismos de intercomunicação, compreendem e reforçam o uso específico do léxico, mas não nos parece formarem grupos hierárquicos, haja vista o modelo democrático no qual se configuram suas práticas.

Swales (1992) projetou os critérios em um contexto diferente do que temos atualmente, no qual as trocas comunicativas ocorrem sistematicamente e a todo momento, esvaziando qualquer fronteira geográfica. Diferentemente daquele momento, o locus pode ser hoje composto pelas ferramentas necessárias e pela internet, formando redes de integrações universais.

Nesse sentido, compreendemos que os mecanismos de intercomunicação são os mesmos mecanismos de participação, pois os sujeitos mantêm a participação e recebem feedback por meio dos mecanismos de intercomunicação. Assim, entendemos, concordando com Gaede (2003) e Lima (2008), que os gêneros são mecanismos de intercomunicação como outro qualquer e que os mecanismos de participação são também mecanismos de intercomunicação.

Sendo assim:

- Os membros de uma comunidade discursiva necessariamente precisam participar de trocas comunicativas que só são possíveis por meio de gêneros que também são mecanismos de intercomunicação.

Swales (1992) também postula critérios quase estanques, quando, na verdade, existe relação entre todos eles. Os objetivos da comunicação entre os membros das CD, por exemplo, são os propósitos comunicativos dos gêneros, existindo, portanto, ligação entre os gêneros e os objetivos. No caso dos *booktubers*, a produção de vídeo-resenha relaciona-se diretamente com o fazer desse grupo. Nesses moldes:

- Os objetivos compartilhados pelos membros de uma comunidade discursiva refletem os propósitos comunicativos dos gêneros, estes, por sua vez, nem sempre são fáceis de serem identificados, necessitando reavaliar o conjunto de valores dos membros de uma comunidade.

As terminologias elaboradas pelos membros de uma comunidade revelam também a identidade do grupo, uma vez que a singularização lexical é uma forma de validar os valores deles como identitários do seus fazeres e facilitar as trocas comunicativas. Assim, os membros nomeiam os gêneros e as práticas discursivas dos grupos, além de elaborarem siglas e outras formas linguísticas com vistas a facilitar a comunicação, mas também como estratégia para tornarem suas práticas diferenciadas e ampliar o grupo.

Ao trazermos as principais pesquisas sobre CD para o embasamento teórico de nosso estudo, intentamos respaldar as contribuições teóricas na aplicação dos critérios e as reformulações necessárias, uma vez que os avanços na comunicação e no transporte das enunciações ofertados pela tecnologia alteraram o comportamento dos grupos sociais. Deter-nos-emos sobre a questão das tecnologias de comunicação no capítulo subsequente.

3 OS SITES DE REDES SOCIAIS E AS COMUNIDADES VIRTUAIS

Neste capítulo, discorreremos acerca dos sites de redes sociais e como estes comportam as comunidades virtuais. Para isso, refletimos, inicialmente, sobre os elementos que formam um SRS. Posteriormente, conceituamos o YouTube, a fim de descrever as especificidades desse SRS. Por fim, conceituamos as comunidades virtuais resultantes da apropriação dos espaços de interação da web e relacionamos o conceito de Comunidade Virtual e de Comunidade Discursiva.

3.1 Sites de Redes Sociais

Nos estudos que focalizam as comunicações ocorridas na internet é comum a utilização do termo “redes sociais” equivalendo ao conjunto de plataformas de trocas comunicativas presentes na web, tais como o Facebook, o Twitter, o Instagram, as quais figuram entre as mais utilizadas no mundo. No entanto, a ideia de rede social é anterior à web e apresentada por sociólogos que se interessavam pelos estudos empíricos de grupos que possuíam alguma relação cultural. Nesse sentido, uma rede social existe não pelo aparato tecnológico, pois quem está conectado são os sujeitos e não a máquina. Por isso, chamamos de SRSs, a ferramenta que permite a expressão de uma rede social, já que essa é formada pelos atores sociais, os quais compartilham um interesse comum.

Hoje, com a popularização da internet, muito se discute a respeito da reorganização do comportamento humano em torno de tecnologias que modificam suas ações cotidianas, implicando, inclusive, na cultura dos indivíduos, os quais são afetados pelas tecnologias, por isso os estudos têm se voltado a compreensão de como estes sites impactam a vida de uma comunidade, assim como os usos de uma comunidade impactam a formação de um *software* e a modificação de ferramentas.

Os SRSs são espaços públicos nos quais os comportamentos culturais estão dispostos a partir das ferramentas fornecidas pelo suporte, por isso é um espaço democrático que permite a conexão de atores, a migração de conteúdos, a buscabilidade e, principalmente, a integração e o contato imediato sem a presença física.

Nesse contexto, a rede social se constrói pela ação dos atores, ou seja, pelas trocas comunicativas que são realizadas por meio das ferramentas disponibilizadas pelos SRSs.

Em nosso estudo, consideramos que os SRSs são apropriados pelas Comunidades Discursivas no intuito de atingir objetivos específicos e que os membros de uma CD formam uma rede social na internet. No entanto, é válido diferenciarmos os dois conceitos, para que não sejam entendidos como sinônimos. Uma rede social é formada por sujeitos que participam de diversas comunidades discursivas. Ou seja, os usuários conectados em uma plataforma formam uma rede interligada no espaço on-line, a qual denominamos rede social. Uma CD, por sua vez, é formada apenas pelos sujeitos que possuem um conjunto de interesses profissionais e/ou recreativos comuns, um uso específico de elementos linguísticos e uma apropriação específica de uma ou mais redes sociais a fim de manter a comunicação e a participação do grupo.

Sendo assim, há nas redes sociais uma noção de pertencimento sem a construção de identidades específicas no grupo e com a possibilidade de novos membros sem laços fortes. Recuero (2009, p.99) reflete sobre como os sites de redes sociais facilitam as conexões, “tornando-as com pouco ou nenhum custo para os atores sociais, podem gerar redes muito grandes e constituídas unicamente por laços fracos”.

Boyd e Ellison (2007) consideram que um SRS é uma plataforma que permite: criar um ator por meio de um perfil ou conta; expor publicamente a rede social de cada ator; e realizar interações entre os atores que compõem a rede por intermédio de ferramentas. Assim, é possível considerar o YouTube um SRS, uma vez que os sujeitos precisam criar contas para acessá-lo, tornando-se atores e podendo utilizar as ferramentas de comunicação, entre as quais configuram os comentários e os próprios vídeos publicados. Na seção seguinte, descrevemos o YouTube e as ferramentas produzidas pelos desenvolvedores da plataforma no cenário da web 2.0.

3.2 YouTube e a web 2.0

O YouTube é uma plataforma criada em 2005 por Chad Hurley e dois amigos, Steve Chen e Jawed Karim, os quais trabalhavam na PayPal. Hurley, percebendo que

não havia uma maneira de divulgar vídeos com os amigos, resolveu criar um domínio na web que permitisse o compartilhamento dos vídeos caseiros.

Nos primeiros meses, a plataforma funcionava como um depósito de 19 vídeos e com pouca visibilidade. Até que em 25 de junho de 2005, uma dublagem da canção "I want it that way", do grupo musical Backstreet Boys, viralizou, possibilitando que várias pessoas acessassem e conhecessem a plataforma de vídeos.

Em 2006, o YouTube tornou-se o site de maior crescimento, o que estaria relacionado ao fato de, naquele momento, ter se espalhado a divulgação de vídeos engraçados por e-mail, majoritariamente encaminhados por adolescentes. Os fundadores analisaram o produto e perceberam que ele deveria ser mais dinâmico. Assim, a interface foi aberta para que o usuário pudesse escolher o que queria assistir, pesquisar vídeos, vincular vídeos relacionados e dar às pessoas a capacidade de "marcar" vídeos para que outras pudessem encontrá-los por meio de palavra-chave. Em outubro do mesmo ano, o domínio foi vendido para a Google por US\$ 1,65 bilhão de dólares.

O YouTube foi se tornando bem diferente do modelo inicial planejado pelos fundadores, transformando o usuário passivo em um sujeito ativo, que produz, armazena, compartilha, tornando-se uma plataforma mais participativa, mais divertida e mais dinâmica.

Tudo isso foi possível a partir da web 2.0 que representa a mudança da web como ambiente de armazenamento, passando a compreendê-la como plataforma, na qual os usuários organizam, geram e participam dos conteúdos. Há neste novo cenário, uma personalização do que é visto, uma avaliação do que é consumido e um contato entre produtores e consumidores.

Uma das aplicações da web 2.0 permite a personalização dos conteúdos visualizados por cada usuário, o que é muito bem aproveitado pelo YouTube que mostra aos usuários vídeos de interesse a partir dos que foram buscados e assistidos por ele, o que, entre outras características, permite a formação de comunidades nos espaços dos SRSs.

As plataformas mais interativas modificaram também a forma que as empresas se relacionam com seus clientes. Agora não é mais apenas um processo de comunicar e informar para que os clientes sejam impactados, mas um relacionamento direto com os clientes por meio de estratégias de marketing, nas quais os produtores de conteúdos têm se destacado fortemente em detrimento da grande mídia. A plataforma

YouTube, por exemplo, uniu produtores e inscritos com os anunciantes, ofertando valores a quem produzir conteúdos amplamente visualizados. Neste sentido, as empresas dialogam diretamente com um nicho de espectadores que podem se interessar por seus produtos. Assim, a plataforma favorece três grupos: os produtores de conteúdos, os espectadores (também chamados de inscritos) e os anunciantes.

Os espectadores não são meros visualizadores dos conteúdos, mas participantes ativos que curtem, comentam, inscrevem-se nos canais que pretendem seguir e visualizar mais conteúdos e, principalmente, ajudam aos produtores na construção do que mais gostam de ver no canal.

Os criadores de conteúdos são também essenciais para a consecução do YouTube como ferramenta de diversão, aprendizado e na construção de um novo modelo de TV na internet, como sugere Costa (2010, p. 21):

O médium internet instalou, com sua popularização e evolução, a lógica da reprodução de conteúdos acrescidas de sua subversão. Hoje, é possível apropriar-se de conteúdos midiáticos, fazendo deles suportes para a expressão de opiniões, individualidades, para além dos espaços normalmente estipulados para a participação dos usuários (caixa de comentários, e-mails e outras ferramentas).

A importância dos produtores está relacionada com a manutenção da rede como plataforma de uso massivo, por isso os vídeos são cada vez mais profissionais e o próprio YouTube oferece cursos que especializam os *youtubers*. O recurso *Creators Academy*⁵, gerenciado pela rede social, é uma forma de qualquer pessoa interessada em criar um canal aprender como o YouTube funciona.

Já os anunciantes são responsáveis pela parte financeira que possibilita os lucros e a manutenção da plataforma, além da monetização dos canais. A vantagem para os anunciantes é o diálogo direto com um sujeito que tem chances de consumir seus produtos, os quais são anunciados em vídeos curtos que aparecem antes ou durante a visualização de outro vídeo, assim como no lado direito da plataforma. Já para os criadores de conteúdos, os ganhos financeiros representam a profissionalização e a qualidade dos vídeos produzidos por eles, uma vez que a monetização leva à produção de material mais especializado.

A profissionalização dos produtores, portanto, está relacionada com os anseios do YouTube e com a monetização. Não raro, crianças e adolescentes encaram ser

⁵ <https://www.youtube.com/yt/creators/>

um *youtuber* como ser um profissional, estando entre os sonhos de ser famoso e de ser jogador de futebol.

Além disso, os criadores de conteúdos podem “fechar parcerias” com empresas e divulgar as marcas como conteúdos dos vídeos produzidos por eles. Os booktubers, por exemplo, costumam ser parceiros de editoras de livros e de livrarias.

Figura 01 – Criadores, espectadores e anunciantes
no YouTube



Fonte: YouTube Creators Academy (2017).

A figura 01 mostra que as conexões são geridas entre os três atores por meio de mutualismo. A plataforma é formada por uma estrutura gerenciada pelas tecnologias fornecidas por ela e por três grupos que mantêm e ampliam as práticas discursivas da rede social YouTube.

Os desenhos das plataformas na web 2.0, para que os sujeitos desenvolvam suas conversações, produzam e sejam ativos e criativos, favorecem a formação de comunidades virtuais, sobre as quais refletiremos no tópico seguinte.

3.3 Comunidades Virtuais

A ideia que temos de uma comunidade é a de um conjunto de indivíduos unidos em um mesmo ambiente geográfico realizando ações comuns a fim de manter ativos o grupo e as atividades por eles desenvolvidos. No entanto, observamos na dinâmica

atual uma forte mudança no modo de compreendermos as fronteiras e os espaços, os quais são delimitados tanto na presença física dos sujeitos, quanto no virtual, o que nos leva à noção de comunidades virtuais.

As comunidades virtuais nascem junto com as tecnologias mediadoras de comunicação na internet, antes mesmo dos SRSs, como denota a utilização de listas de e-mail no intuito de manter a comunicação entre um grupo social, no qual já não havia a necessidade dos membros da lista se conhecerem pessoalmente. Bauman (2003, p. 18-19) afirma que, a partir do momento em que uma informação pode ser transportada independente dos interlocutores e em uma velocidade além dos meios de transportes mais rápidos, já não há a noção de fronteira, já não se pode compreender o que está dentro ou fora de um determinado espaço.

Lemos (2002, p. 93) ressalta que “as comunidades virtuais eletrônicas são agregações em torno de interesses comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas”. Contudo, a noção de virtual nas comunidades não deve ser entendida como distanciada da relação face a face, pois os membros de uma comunidade não conseguem diferenciar discursos e identidades que são construídas em um ou outro espaço, formando, assim, uma relação imbricada e sem fronteiras.

Uma comunidade virtual é, para Recuero (2006), “um conjunto de atores e suas relações que, através da interação social em um determinado espaço, constitui laços e capital social em uma estrutura de *cluster*⁶, através do tempo, associado a um tipo de pertencimento”. Neste contexto, os atores não são os sujeitos propriamente, mas a representação que fazem por meio do perfil, no qual encontram-se fotos, nicknames e outros recursos que permitem a individualização deles.

O surgimento de estudos que tentam demonstrar o que seriam comunidades virtuais e o fato de, muitas vezes, os autores tentarem diferenciar os comportamentos dos sujeitos de uma comunidade dentro e fora da internet estão relacionados com o momento de forte discussão acerca dos usos das ferramentas tecnológicas e como podem impactar favorável e negativamente as relações humanas. Por isso, um estudo de uma comunidade virtual se presta a esclarecer o funcionamento do interior dela e, por este motivo, não consegue atingir compreensões totais das complexidades de comunidades virtuais presentes na web. No caso deste estudo, as marcas linguísticas

⁶ Um **cluster** (do inglês *cluster*: 'grupo, aglomerado') consiste em um emaranhado de relações que ao focalizar um ou mais aspectos podem ser considerados como um único sistema.

e as práticas discursivas são os elementos priorizados, como veremos no próximo tópico, que procura esclarecer o conceito de comunidade discursiva virtual.

3.4 Comunidades Discursivas Virtuais

Os estudos que buscam compreender a relação dos sujeitos com o discurso têm em comum a busca pelos traços identitários e pelas marcas que singulariza e identifica um grupo. Entre estes estudos há aqueles que analisam fatores linguísticos associados às questões históricas, como fez Swales (1990). Para Orlandi (1994), “o discurso supõe um sistema significante, mas supõe também a relação deste sistema com sua exterioridade já que sem história não há sentido”, ou seja, os traços linguísticos são construídos nas e para as relações com o exterior.

Se as realidades sociais mudam, os discursos também são alterados e, assim, os grupos se adaptam para atingir seus objetivos. Antes mesmo da internet, vista hoje como principal responsável pelas mudanças nas formas de atuar na sociedade. A Revolução Industrial, no século XVIII, por exemplo, reorganizou os grupos sociais e fez nascer a necessidade de manter uma comunicação aberta entre os envolvidos nas produções nas fábricas.

A internet representa uma dessas tecnologias que instauram modificações sociais e alteraram as dinâmicas dos grupos sociais, já que ela fez multiplicar o discurso sem fronteiras, como também faziam as cartas e os telefonemas. Contudo, nenhuma outra tecnologia fez mais do que transportar uma comunicação, foi responsável pela aproximação de pessoas em um ambiente não geográfico e, assim, reuniu uma rede de atores dispostos a interagir além da comunicação face a face.

Neste contexto, a sociabilidade ocorre, não apenas quando um grupo de pessoas estão reunidas fisicamente, mas, sobretudo, quando formam uma rede de comunicação ativa na qual estão integradas no virtual. É por isso que assistimos à tendência a se relacionar primeiro no virtual para depois, se for o caso, acessar o campo físico no qual ocorrem as relações face a face. Com isso, frequentemente os indivíduos se conhecem e se integram por meio de SRSs, buscando um nicho de interesses em comum. Um sujeito que gosta de filmes, apenas para exemplificar, busca os conteúdos na web, mas também busca um grupo no qual possa discutir, interagir e, assim, ser parte de uma comunidade ativa. Logo, o conceito de

sociabilidade está cada vez mais relacionado à metáfora da rede social e, principalmente, às comunidades virtuais.

Se antes a internet era um mecanismo de intercomunicação bastante utilizado para a manutenção de uma comunidade discursiva, hoje as comunidades também se desenvolvem por meio dela. Assim, o que neste trabalho chamamos de **comunidades discursivas virtuais** são os grupos identitários que compartilham interesses comuns, realizam ações por meio de léxico especializado, possuem uma hierarquia, utilizam-se de gêneros de modo específico, têm um conjunto de mecanismos de participação e de intercomunicação e nasceram na própria web. Ou seja, uma CDV não é uma comunidade formada por pessoas do trabalho ou pelo grupo de dança ou pelos amigos da escola, os quais se reúnem em plataformas para a continuidade e facilidade da consecução dos seus interesses.

Entretanto, não podemos pensar que haja sempre um isolamento geográfico nas CDV, como os booktubers. Estes grupos tendem a buscar a presença física, por isso podem realizar eventos, nos quais os sujeitos se confraternizam. O que diferencia propriamente uma CDV da CD proposta por Swales (1990) é o nascedouro das práticas discursivas, já que na de Swales (1990) os sujeitos estão envolvidos em uma atividade relacionada ao gênero textual que se faz de algum modo pela presença e necessidade para o alcance de metas. Já em uma CDV, os interesses dos sujeitos ocorrem não de modo ocasional, mas pelo reconhecimento da comunidade e pela possibilidade de pertencer ou não ao grupo que só existe no meio virtual, sendo a web o principal mecanismo de intercomunicação.

Neste capítulo, destacamos a comunicação mediada pelas tecnologias nos SRSs, mais especificamente o YouTube, e a formação de grupos em rede com vistas a refletir acerca da elaboração da plataforma e das especificidades terminológicas e conceituais que foram empregadas nesta pesquisa. No capítulo seguinte, expomos as decisões metodológicas para o gerenciamento dos conteúdos utilizados na análise dos dados.

4 DECISÕES METODOLÓGICAS

No presente capítulo, apresentamos os critérios metodológicos adotados para a instrumentalização e a execução deste estudo, assim como os processos de análise e as características da pesquisa etnográfica, com o fito de demonstrar a incursão realizada para a consecução de nossos objetivos.

4.1 Caracterização da pesquisa

O método privilegiado em nossa pesquisa é o *indutivo*, uma vez que partimos de uma premissa – **o grupo *booktube* preenche as características de uma comunidade discursiva** – para, após analisados os fatos, teorizarmos acerca dos comportamentos do grupo. Nessa ótica, partimos dos dados à teoria, em uma conexão ascendente.

A partir do método indutivo, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa de viés interpretativo. A vantagem da abordagem qualitativa para nossa pesquisa é a possibilidade de observarmos inúmeros fenômenos no interior das organizações sociais, tais como seus valores, suas identidades, seus sentimentos, seus anseios e suas experiências, sem, contudo, transformarmos os dados em generalizações ou especulações, entendendo, inclusive, a dinamicidade e a mutabilidade do grupo analisado.

Outra vantagem da abordagem qualitativa é a possibilidade de diálogo entre outros campos do saber, como a sociologia e a comunicação, permitindo que um mesmo estudo forneça entendimentos de interesse interdisciplinar.

Para desenvolver esta pesquisa, adotamos, ainda, os métodos da etnografia virtual (HINE, 2000), que se apresenta como uma possibilidade de estudarmos os comportamentos das comunidades sitiadas na internet indutivamente, já que, conforme Hine (2000), a etnografia virtual consegue responder: 1) como os usuários do ciberespaço entendem suas capacidades comunicativas; 2) como os usuários interagem dentro das diferentes redes virtuais; 3) como a internet modifica a organização da sociedade e as práticas cotidianas; 4) como os indivíduos realizam uma mesma atividade na internet e fora dela.

De fato, as possibilidades de estudos e de aplicações a partir dos métodos da etnografia virtual são amplos e têm possibilitado compreender este novo sujeito que dedica várias horas do seu dia às atividades virtuais. Por isso, relacionar a influência

das práticas nos espaços virtuais a fatores culturais e identitários é, hoje, a única maneira de compreendermos integralmente os grupos sociais, visto que já não se pode dissociar as relações face a face das relações virtuais, pois as práticas presenciais das comunidades reverberam nos ambientes de conversação e integração virtuais e vice-versa.

Segundo Martins (2012, p. 3), “Robert Kozinets (1997, 2002) começou a fazer adaptações da metodologia etnográfica em ambiente virtual em suas pesquisas sobre marketing em comunidades online”, sendo acompanhado por Christine Hine, atualmente a maior referência em estudos etnográficos de ambientes virtuais.

Já nos primeiros estudos netnográficos (etnografia virtual), uma crítica persistia em torno das limitações advindas da não presença do pesquisador no *lócus* da pesquisa. Havia também a desconfiança em torno da impossibilidade de o pesquisador de uma comunidade virtual utilizar todos os sentidos para descrição de grupos sociais. Por outro lado, é consenso entre os estudiosos que as pesquisas etnográficas virtuais permitem o reconhecimento de inúmeras marcas linguísticas, as quais podem ser coletadas ou organizadas de maneira mais fácil, determinando, assim, uma vantagem para estudos como este, no qual os aspectos linguísticos são privilegiados.

O etnógrafo pode se comportar de dois modos para a realização da pesquisa na internet: *insider* ou *lurker*, ou seja, como participante da comunidade ou apenas como observador. Nesta pesquisa, o autor optou por agir como *lurker*, uma vez que, em nenhum momento, comentou ou se apresentou para os sujeitos pesquisados. O comportamento do etnógrafo é uma decisão gerida a partir dos objetivos e da relação que ele mantém com a comunidade pesquisada. Contudo, na web, mesmo o pesquisador que não pertença ao grupo analisado ou que não revele seus objetivos aos sujeitos que estão sendo investigados não se comporta de maneira totalmente passiva, pois neste espaço há a necessidade de criar contas e de selecionar os conteúdos. Com isso, embora esteja presente nas marcas de visualizações e alcance de uma plataforma, o *lurker* se distingue por não se revelar aos membros da comunidade.

Neste sentido, o olhar do pesquisador se voltou para os materiais etnográficos que se dispôs a analisar, os quais são compostos pelos vídeos dos canais do YouTube estudados e pelas publicações dos *booktubers* em outras redes sociais.

Portanto, a metodologia netnográfica, que possibilita a configuração do modelo de pesquisa a partir dos objetivos do pesquisador, e a opção pelo método qualitativo, o qual privilegia a interpretação dos achados, foram escolhas que viabilizaram a realização deste estudo.

Na seção seguinte, delimitamos o espaço e os materiais analisados durante o estudo netnográfico.

4.2 Delimitação do universo e amostra

O *lócus* de nossa pesquisa netnográfica é a web, na qual são realizadas inúmeras práticas discursivas, muitas das quais são ressignificações do ambiente *offline*, como ocorre com a Literatura, cuja transformação afetou os formatos de livros, passando a ter versões digitais, e alterou o modo de discutir e resenhar as obras. É evidente que no cenário do estabelecimento da web 2.0, fortes mudanças de hábitos foram se impregnando aos grupos sociais, tornando a presença física dos membros cada vez menos frequente do que as trocas comunicativas a partir de plataformas. Esse comportamento foi possibilitado pela criação de redes sociotécnicas, que por meio de ferramentas permitem a integração entre membros de uma comunidade discursiva. Diante de um universo gigantesco que é a web e buscando compreender um fenômeno instaurado nesse espaço, o nosso **primeiro recorte** foi a escolha de uma rede sociotécnica.

Sendo assim, para o gerenciamento dos dados, a rede sociotécnica privilegiada em nossa pesquisa foi o YouTube, rede social que possibilitou o surgimento do grupo BookTube e que propicia as práticas discursivas dos integrantes a partir de ferramentas instauradas na plataforma. Embora, o grupo BookTube utilize outras redes sociotécnicas para atividades distintas, é no espaço do YouTube que as principais práticas discursivas ocorrem. Além disso, o YouTube é a própria gênese de canais, como o BookTube, os quais são produtos viabilizados pelas ferramentas da plataforma.

O **segundo recorte** foi a delimitação dos canais. Durante três meses, elaboramos uma lista de canais cuja atividade designasse pertencer à comunidade leitora no YouTube. As seguintes informações foram preenchidas em uma tabela (Apêndice A): nome do canal, nome do autor do canal e URL.

Optamos por buscar os canais por meio da página pessoal do autor desta pesquisa, uma vez que a interferência dos algoritmos não prejudica os dados e, conseqüentemente, os resultados.

Quadro 1 – Exemplos de canais de booktubers brasileiros experientes

NOME DO CANAL	BOOKTUBER	NÚMERO DE INSCRITOS	QUANTIDADE DE VÍDEOS	NÚMERO DE VIEWS	DATA DE INÍCIO
Perdidos nos Livros	Eduardo Cilto	294.915	198	11.601.054	2 de nov de 2012
Tatiana Feltrin	Tatiana Feltrin	259.523	894	24.656.307	23 de set de 2007
Pam Gonçalves	Pam Gonçalves	214.740	391	10.130.726	21 de jul de 2012
Cabine Literária	Tatiany Leite, Danilo, Cesar, Guto, Gabriel e Lucia	149.896	1105	11.711.582	12 de fev de 2011
Melina Souza	Melina Souza	151.397	301	7.709.568	1 de mar de 2012
Bel Rodrigues	Bel Rodrigues	139.274	279	5.223.938	5 de jun de 2013
Ler Antes de Morrer	Isabella Lubrano	138.561	301	5.191.166	4 de mai de 2014
Geek Freak	Victor Almeida	79.294	279	4.956.955	10 de jul de 2014
Literature-se	Mell Ferraz	66.244	499	3.513.328	15 de jul de 2010

Dados coletados em 07 de novembro de 2017.

Fonte: Elaborada pelo autor

A quantidade vultosa de canais encontrados e a frequente participação de consumidores flagradas durante o segundo recorte resultou em um **terceiro recorte**, no qual selecionamos os dois *booktubers* mais influentes (Quadro 1) e um booktuber menos experiente. Para isso, consideramos o número de inscritos e a data de início do canal.

Quadro 2 – Exemplos de booktubers emergentes

NOME DO CANAL	BOOKTUBER	NÚMERO DE INSCRITOS	QUANTIDADE DE VÍDEOS	NÚMERO DE VIEWS	DATA DE INÍCIO
Belle Hendges	Belle Hendges	9.485	79	231.196	12 de abr de 2014
O Lugar do Livro	Leonardo	4.434	106	226.245	17 de mar de 2014
Estante Indiscreta	Glauca	2.909	226	115.576	28 de out de 2012

Anna Geek	Anna	2.468	145	123.648	31 de jul de 2014
Johnny Books	Johnny	2.111	109	129.076	2 de jul de 2013
Louca dos livros	Dessa	2.013	214	40.403	18 de fev de 2016
Janela de Livros	Laiara Lacerda	952	158	26.634	8 de abr de 2016

Dados coletados em 07 de novembro de 2017.

Fonte: Elaborada pelo autor

Objetivando analisar a linguagem, as trocas identitárias e a conversação entre os membros assistimos, mais de uma vez, todos os vídeos, dos três canais, postados até outubro de 2017. No entanto, consideramos 25 vídeos de cada canal para a construção de nosso corpus de **microanálise**.

Neste sentido, dividimos a pesquisa em dois momentos. O primeiro compreendeu a **macroanálise**, na qual listamos 100 canais de booktubers e passamos a registrar as informações em tabelas no Excel. E a segunda etapa, a qual denominamos **microanálise**, correspondente ao momento de acompanhamento dos comportamentos dos três booktubers.

Para a seleção dos 25 vídeos, utilizamos a ferramenta “classificar por” (Quadro 02) e selecionamos a opção “Data de inclusão (mais recente)” e, em seguida, iniciamos a visualização dos vídeos e o preenchimento da tabela com os dados dos 25 uploads mais recentes de cada canal (Apêndices C, D e E).

As tabelas foram preenchidas com as seguintes informações: título do vídeo, número de visualizações e de comentários, descrição do assunto do vídeo (elaborada pelo autor da pesquisa) e URL.

Figura 02 – Opções da ferramenta “Classificar por” no Youtube.



Fonte: Reprodução (2017)

Apesar de delimitarmos os canais que acompanhamos neste estudo e os vídeos utilizados para confrontar as peculiaridades e similaridades dos dados, reafirmamos o caráter etnográfico empregado para geração dos conteúdos de análise. A etnografia virtual e a netnografia veem a imersão no ambiente antes mesmo de reconhecer quais dados serão extraídos, portanto delimitamos apenas o *lócus* e o número de elementos analisados como forma de estabelecer o olhar do pesquisador, embora na condição de pesquisador-observador elegemos o olhar através de rastros, ou seja, percorremos os diversos ambientes virtuais nos quais as práticas dos booktubers se estabelecem.

4.3 Gerenciamento dos dados

As tecnologias digitais provocaram significativas mudanças na sociedade. A internet, por exemplo, influenciou e possibilitou novos comportamentos e práticas sociais. A ciência também foi alterada e os métodos de investigação científica estão sendo redesenhados, seja pelo emprego de novas operações ou ferramentas, seja pela percepção de sujeitos que não ocupam apenas territórios geográficos, mas também zonas desterritorializadas. Esse fenômeno tem ocorrido, principalmente, nas ciências humanas e sociais, em estudos que buscam modos de sistematizar uma pesquisa que dê conta da imbricada relação do homem com o ciberespaço. Nesse cenário, a etnografia virtual tem ganhado a adesão de muitos estudiosos das áreas humanas e sociais, pois possibilita a imersão do pesquisador enquanto observador ou participante na rede de configurações de grupos sociais.

A construção de um corpus físico não é o objetivo do etnógrafo, já que os dados são gerados a partir da observação e do rastreamento dos comportamentos dos indivíduos da comunidade analisada. Entretanto, o pesquisador consegue flagrar registros e torná-los parte da análise, ou seja, acompanha a comunidade analisada e flagra os comportamentos que lhe possibilitem uma resposta, confrontando os dados e verificando em que grau se repetem.

No caso de nossa pesquisa, empregamos técnicas que viabilizaram a organização dos dados para o trabalho etnográfico, tais como as tabelas, os prints e a transcrição de áudios. Os procedimentos de análise destes dados são descritos no próximo tópico.

4.4 Procedimentos de análise dos dados

Como vimos na seção anterior, em situações em que os objetos estudados encontram-se dispersos geograficamente, costuma-se utilizar a etnografia virtual, a qual se mostra eficiente nos estudos de comunidades, uma vez que as comunicações no estágio atual, mesmo em casos em que os membros se reúnem em espaços físicos, costumam ser facilitadas e gerenciadas por meios eletrônicos, sendo o uso de redes sociais o principal mecanismo de integração, produção e gerenciamento de informações de grupos profissionais, acadêmicos ou recreativos. Em nossa pesquisa o contorno etnográfico se apresentou como possibilidade de construirmos dados para que possamos validar ou invalidar nossas hipóteses.

O principal desafio do pesquisador que se utiliza dos métodos da etnografia virtual é construir procedimentos de análise confiáveis, uma vez que as posturas dos usuários da internet podem ser revertidas de identidades subjetivas, já que alguns indivíduos experimentam diferentes identidades virtuais. Desse modo, é tarefa do pesquisador reavaliar os dados e investigar o sentido contrário do que ele identifica nas ações e discursos dos sujeitos da comunidade estudada.

Nesse sentido, adotamos dois procedimentos, no intuito de refletir as características do grupo estudado. O primeiro procedimento coloca-nos como gerenciadores de material de análise, pois foi necessário reunir dados que fossem suficientes e confiáveis para validarmos nossas hipóteses. Nessa etapa, posicionamos-nos como consumidor das vídeo-resenhas e outras produções dos *booktubers* e organizamos o material de análise, como descrito na seção anterior.

Na segunda etapa, após identificarmos como os *booktubers* preenchem os critérios de comunidade discursiva proposto por Swales (1992), passamos a registrar as reflexões, as quais compõem o capítulo analítico deste estudo.

A seguir, ilustramos como cada procedimento nos possibilitou alcançarmos cada um dos nossos objetivos específicos.

Nosso primeiro objetivo específico foi o de **“Descrever o conjunto de interesses que os membros do grupo *booktube* mantêm em comum, relacionando-os ao principal gênero utilizado pelos indivíduos dessa comunidade”**. Para a consecução desse objetivo, analisamos as descrições dos perfis dos três canais de *booktubers* no YouTube a fim de enumerar os interesses individuais e, em seguida, observamos quais se repetem no conjunto analisado. Além

disso, buscamos entender os interesses, analisando o conjunto de práticas que os membros desta comunidade desenvolvem em comum. Cada interesse foi elencado em uma tabela. Na primeira coluna, grafamos os propósitos comunicativos e, na segunda coluna, o gênero utilizado para alcançar o propósito. Esse procedimento permite visualizar o conjunto de propósitos que o grupo mantém em comum e discutir o critério de repropósito comunicativo de Swales (2001).

O segundo objetivo específico de nossa pesquisa é **“Identificar os gêneros que organizam a comunicação entre os membros e outros mecanismos de intercomunicação, evidenciando os propósitos, valores e identidade do grupo *booktube*”**. Para alcançarmos esse objetivo, analisamos o conjunto de ações comunicativas desenvolvidas pelos *booktubers* e quais gêneros são mais recorrentes, além disso, descrevemos as marcas de construção do gênero que se repetem, tais como ordens retóricas, música de fundo, textos verbais grafados, vinhetas etc. A partir da análise dos elementos que se repetem na elaboração dos vídeos, podemos assegurar os modos que a comunidade privilegia na elaboração do gênero e de que modo essa elaboração está relacionada com os valores do grupo, os quais foram flagrados nas descrições dos vídeos.

Nosso terceiro e último objetivo é **“Analisar as especificidades do léxico utilizado pelos membros da comunidade discursiva, identificando a finalidade de singularizar as terminologias”**. Para a consolidação desse objetivo, elaboramos uma tabela com as palavras e expressões que demonstrem a especificidade do léxico utilizados pelos *booktubers* a partir dos 75 vídeos assistidos na parte microscópica da netnografia. Nessa tabela, foram descritos os significados validados pelo grupo. Descreveremos, a partir da análise do léxico específico, como a identidade do grupo se estabelece nestes termos e como as palavras simplificam e singularizam as ações do grupo.

Tais procedimentos foram cruciais para a análise do objeto estudado, a qual é apresentada no capítulo subsequente.

5 A COMUNIDADE DISCURSIVA DOS BOOKTUBERS

Segundo dados da própria plataforma, o “YouTube atinge mais adultos de 18 a 34 anos e de 18 a 49 anos do que qualquer canal de TV a cabo nos EUA”⁷. O dado comprova um processo visível de migração da TV para o YouTube, fenômeno que, para Costa (2010), está relacionado, entre outros fatores, à variedade de conteúdos e à participação dos usuários, os quais são mais que uma audiência invisível, já que, nesses espaços de comunicação, os consumidores têm existência marcada por meio de suas contas, as quais lhes possibilitam interação e personalização.

No Brasil, o YouTube também deixou de ser apenas um espaço de *upload* de vídeos e transformou-se em uma forte Rede Social, a qual reúne inúmeros canais, influenciadores, inclusive, do comportamento das produções de TV. Não raro, por exemplo, *youtubers*⁸ são convidados a participar de programas de TV.

É, nesse cenário, que os *booktubers* aparecem enquanto produtores de material literário. O nome *BookTube* já revela o interesse e o *lócus* onde ocorrem as práticas discursivas desse grupo. Desse modo, um *booktuber* é um criador de um canal no YouTube voltado à cultura literária. Eles elaboram resenhas, apresentam os lançamentos do mercado editorial, incentivam a leitura por meio de maratonas e listas de obras, entre outras atividades sempre voltadas à cultura leitora.

O *BookTube* é, portanto, um grupo que concentra suas atividades na Web e que a maioria de seus membros apenas realizam trocas comunicativas por meio de Redes Sociais. Contudo, a influência discursiva, permeada por gêneros e pela linguagem, sobressai os limites das telas e percorre a própria identidade dos produtores e consumidores, atravessando influências no modo de consumir Literatura.

Em meio a milhões de vídeos disponíveis no YouTube, há aqueles produzidos por sujeitos que objetivam discutir, especificamente, literatura, os quais fazem parte de uma comunidade discursiva – “uma rede sociorretórica que se forma a fim de atuar em favor de um conjunto de objetivos comuns”, conforme Swales (1990, p. 9). Este capítulo destina-se a análise dos critérios que nos permite definir o grupo dos *booktubers* como uma CD.

⁷ Informação disponível no site <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>. Acessado em 24 de novembro de 2017.

⁸ Produtores de vídeos no YouTube, os quais, muitas vezes, profissionalizam-se e desenvolvem o canal como atividade principal.

5.1 Os objetivos e os propósitos comunicativos dos booktubers

É inegável que as Redes Sociais facilitam as atividades de trabalho e lazer dos diferentes grupos sociais e formam espaço de contínua troca comunicativa. Reuniões de trabalho, por exemplo, podem durar uma ou mais horas, no entanto a repercussão nos aplicativos de conversação continuam após o evento, sem a necessidade de os membros ocuparem um mesmo espaço físico. Esse exemplo demonstra a imbricada relação das atividades realizadas *online* e *offline* em um grupo que mantém interesses comuns relacionados ao trabalho, sendo os interesses o que justifica a presença desses indivíduos tanto na reunião quanto nos mensageiros digitais.

Por outro lado, temos inúmeras atividades recreativas, educacionais e profissionais executadas na web, as quais, mesmo sem a presença física dos sujeitos, possibilitam-nos agregá-las conforme os objetivos dos usuários, como ocorre na plataforma Skoob⁹, cujo objetivo é reunir leitores. Sendo assim, ambientes virtuais têm favorecido a comutação de pessoas com os mesmos interesses, as quais por meio de trocas comunicativas, ajudam o grupo a alcançar os seus objetivos, ao mesmo tempo em que são auxiliadas em suas atividades pessoais por sujeitos que compartilham um mesmo desejo, vontade ou identidade.

Esse contexto está relacionado ao primeiro critério de Swales (1990; 1992) para identificação de uma CD, uma vez que, para o autor, uma comunidade discursiva é formada por membros que compartilham objetivos e propósitos comuns. Embora o autor não defina claramente a distinção entre o que são os objetivos e o que são os propósitos, optamos por esclarecê-la. Sendo assim, em nossa pesquisa, os termos *propósitos* e *objetivos* estão correlacionados, já que compreendemos os propósitos como “para que serve” enquanto os objetivos indicam “aquilo que se pretende alcançar” (HOLANDA, 2017). Destarte, compreenderemos os termos como sinônimos, uma vez que os canais servem exatamente para que booktubers e inscritos descrevam, narrem, promovam suas experiências leitoras a fim de incentivar a leitura a partir de vídeos, os quais são entendidos nesta pesquisa como genuínos recursos linguísticos.

Examinando os 100 canais selecionados para o primeiro momento desta pesquisa, é possível afirmar que o objetivo primário desses sujeitos é discutir leitura,

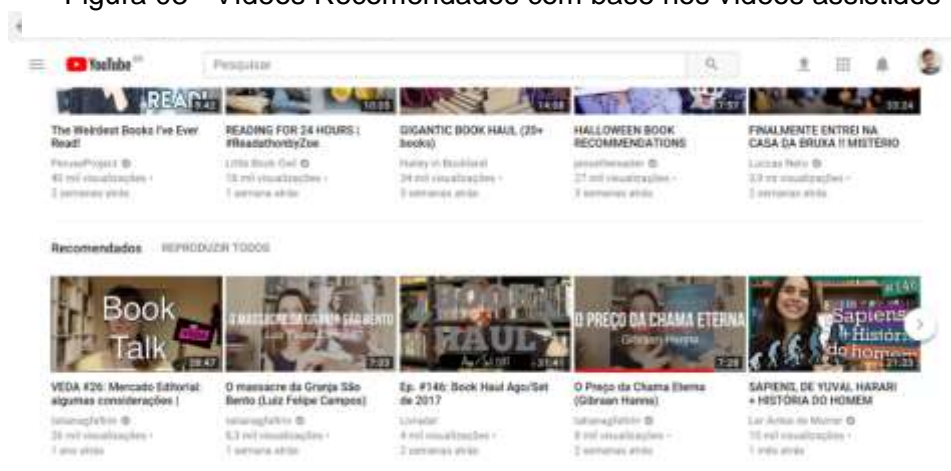
⁹ <https://www.skoob.com.br/>

o que já é demarcado, como vimos, no próprio nome em inglês, no qual a junção de “Book” à Tube reforça o interesse comum por livros. É importante destacar que a pesquisa por termos no YouTube, tais como “literatura”, “livros”, “leitura”, entre outros, leva-nos a diversos vídeos de booktubers, o que comprova o agrupamento e a relação de semelhança dos conteúdos produzidos nestes canais.

Além disso, a própria plataforma sugere vídeos aos usuários a partir do consumo de outros de mesma categoria. Os vídeos de booktubers, por exemplo, aparecem em nossa página principal entre os vídeos recomendados, como mostra a figura 03. A plataforma utiliza-se dos metadados para combinar cada visualizador a vídeos de interesse, para isso o sistema atenta-se aos vídeos mais assistidos e aos não assistidos, à ferramenta gostei e não gostei e aos conteúdos de interesse¹⁰.

Observa-se que os vídeos recomendados possuem intenções semelhantes e comumente difundidas entre a comunidade, tais como discutir criticamente uma obra, resenhar um livro, responder uma tag¹¹, responder perguntas de inscritos etc.

Figura 03 - Vídeos Recomendados com base nos vídeos assistidos



Fonte: Reprodução (2017).

Analisando especificamente a descrição dos três canais selecionados para a etapa microscópica de nossa pesquisa, também podemos perceber os objetivos dos booktubers responsáveis por eles. Abaixo, em (1), temos a descrição do canal de

¹⁰ Para saber mais sobre o uso de algoritmos no YouTube, acesse a área de cursos para produtores de conteúdo. Disponível em <https://creatoracademy.youtube.com/page/lesson/discovery?cid=get-discovered&hl=en#strategies-zippy-link-1>. Acessado em 27 de outubro de 2017.

¹¹ Tag deve ser entendida, neste contexto, como um assunto comum que será discutido por um grupo. Por exemplo, a tag “20 fatos sobre mim” circulou no YouTube estimulando a produção de vídeos nos quais os youtubers enunciam curiosidades sobre eles.

Tatiana Feltrin, intitulado Tiny Little Things, ou simplesmente TLT, como a booktuber prefere chamar. Nota-se, na descrição, uma referência à própria identidade leitora de Tatiana – “(...) *leitora ávida que compartilha o amor pelos livros e incentiva a leitura em vídeos há quase uma década*”.

(1) TLT - Ligando livros a pessoas

Canal criado por Tatiana Feltrin (formada em Letras - Tradutora e Intérprete pela UESP, pós-graduada em ensino de idiomas pelo Mackenzie, Professora de Inglês como segunda língua), leitora ávida que compartilha o amor pelos livros, e incentiva a leitura em vídeos há quase uma década :)

Vídeos novos todas as quartas, sextas e domingos!

Contato: tatifeltrin.booktuber@gmail.com

Caixa Postal 2015 São José dos Campos - SP CEP: 12243-970

Do mesmo modo, a descrição do canal do booktuber Eduardo Cilto, em (2), explicita o propósito do canal, que é “*popularizar o hábito da leitura entre os jovens com vídeos cheios de criatividade e bom humor*”.

(2) Criado em novembro de 2012, é um canal que tem como objetivo popularizar o hábito da leitura entre os jovens com vídeos cheios de criatividade e bom humor. O Canal faz uso de assuntos ligados a filmes, séries, notícias, temas relacionados ao mundo dos livros e muito mais.

Contato: perdidonoslivros@gmail.com

Snapchat: EduardoPNL Instagram: @EduardoCilto Twitter: @EduardoCilto Conheça "Traços", o primeiro livro de Eduardo Cilto, criador do Perdido Nos Livros:

<http://www.saraiva.com.br/tracos-9350176.html>

LINK PARA A VENDA DE TRAÇOS, MEU PRIMEIRO LIVRO NA SARAIVA : <http://www.saraiva.com.br/tracos-9350176.html>

LINK PARA A VENDA NA LIVRARIA CULTURA : <http://bit.ly/TraçosCultura>

LINK PARA A VENDA NA AMAZON : <http://amzn.to/29GljzM>

LINK PARA A VENDA NO SUBMARINO :

<http://www.submarino.com.br/produto/128467822/livro-tracos>

LINK PARA O LIVRO NO SKOOB: <https://www.skoob.com.br/tracos-593205ed594375.html>

O sucesso dos membros mais experientes do grupo desperta o interesse de novos sujeitos, os quais passam de apenas consumidores para também produtores de conteúdo. É o caso de Laiara Lacerda, do canal Janela de Livros, que, apesar de estar no YouTube desde março de 2012, só começou a discutir leituras em abril de 2016, quando começou a ver vídeos de booktubers, como Tatiana Feltrin. Antes, a booktuber gravava vídeos com dicas de maquiagens, embora não fosse realmente o

que gostasse de discutir, o que a levou a apagar todos os vídeos¹² e restringir os conteúdos do canal aos assuntos sobre leitura e livros. Na descrição do canal de Laiara é possível identificar a razão pela qual criou o canal e o objetivo - *compartilhar e incentivar a leitura diária*.

- (3) Laiara é advogada e lê desde antes de aprender a ler; criou o canal como um incentivo a sua jornada literária pessoal e tem como objetivo compartilhar e incentivar a leitura diária.

Como podemos observar, as descrições dos canais analisados revelam que o grande objetivo dos booktubers é incentivar a leitura por meio de vídeos, nos quais discorrem sobre suas próprias experiências de leitores. Sendo assim, a leitura deixa de ser uma prática silenciosa e passa a ser refletida, discutida, compartilhada e incentivada a partir das produções linguísticas elaboradas pelos *booktubers*.

Conforme Swales (1992, p. 7):

uma comunidade discursiva possui um conjunto perceptível de objetivos. Esses objetivos podem ser *formulados pública e explicitamente* e, também, ser no todo ou em parte estabelecidos pelos membros; podem ser consensuais; ou podem ser distintos, mas sempre relacionados.

Os próprios termos escolhidos para descrever os canais já indicam como os booktubers demarcam seu espaço ou suas produções no YouTube. As palavras “livro”, “literatura” ou “leitura” demarcam o objetivo dos membros que só estão distintos quanto aos objetivos específicos de cada membro, os quais podem variar entre apenas conversar com os inscritos sobre os livros lidos, como se observa nos perfis dos membros menos experientes, ou promover o gosto pela leitura, como os canais dos membros mais experientes, geralmente, estão descritos.

Ainda acerca da análise das descrições dos perfis dos booktubers, podemos perceber que muitos dos membros identificam a relação que possuem com a leitura, como a gerar confiança dos inscritos nos conteúdos produzidos por eles.

No exemplo (4), abaixo, Isabella Lubrano se identifica como jornalista, enquanto Tatiana Feltrin, no exemplo (1), evidencia a formação em Letras.

- (4) Esse é o canal Ler Antes de Morrer, criado pela Isabella Lubrano, **jornalista formada pela USP e pela Cáspes Líbero**. A meta é ler e resenhar 1001 livros. Será que é

¹² Conforme o Vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=oWKN1VELOGs>. Acesso em 13 de maio de 2018.

possível? Claro que é. E mesmo se não for, já vale a pena tentar! Aqui você acompanha vídeos exclusivos sobre as principais obras da literatura brasileira universal, com bom humor e qualidade de um jeito que você nunca viu antes.

Ao deixar explícito quem são profissionalmente ou qual a relação deles com a leitura, os *booktubers* contribuem com a definição dos propósitos, pois demonstram possuir as características necessárias para alcançá-los. Além disso, aproximam-se tanto dos membros produtores quanto dos consumidores, já que, ao constituírem-se em sujeitos leitores, compartilham a mesma intenção.

A análise das descrições dos canais e as semelhanças dos conteúdos produzidos permite-nos, portanto, assegurar que o primeiro critério para a caracterização de uma comunidade discursiva é preenchido satisfatoriamente, posto que é evidente a formação de um grupo de interesse particular formado por gerenciadores de conteúdos e por visualizadores, os quais, para atingir seus objetivos, utilizam-se de mecanismos de intercomunicação e de participação, como veremos no tópico a seguir.

5.2 Os mecanismos de intercomunicação e de participação dos booktubers

O segundo critério swalesiano para a identificação de uma CD está relacionado a mecanismos que possam promover a comunicação entre os membros. Tais mecanismos possibilitam repassar informações aos membros do grupo, manter o conjunto de valores da comunidade, promover o feedback e ampliar o espaço profissional. Já o terceiro critério elaborado por Swales (1990; 1992), para esse mesmo fim, corresponde aos mecanismos de participação, os quais proporcionam que os membros realizem ações que mantenham as atividades da CD sempre abertas.

Como é possível notar, a distinção entre os mecanismos de intercomunicação e os de participação é bastante tênue, uma vez que muitos dos mecanismos de comunicação promovem a participação dos membros de uma CD, razão pela qual não distinguimos estes dois critérios nesta pesquisa.

No caso da comunidade em estudo, embora existam mecanismos estritamente voltados a informar, comunicar, esclarecer, é no contexto da participação e da produção de conteúdos e na reciprocidade dos consumidores de modo aberto e livre e, principalmente, objetivando a adesão de novos participantes, que as atividades são desenvolvidas. Dito de outro modo, a razão primária dos *booktubers* é realizar ações

comunicativas e participativas em torno de um assunto específico – a leitura. A seguir, descreveremos alguns dos mecanismos utilizados pelos booktubers e pelos consumidores.

5.2.1 Facebook

O BookTube é uma comunidade gerada na web a partir da ocupação da plataforma YouTube, sendo assim, suas atividades são majoritariamente desenvolvidas *online* e as trocas comunicativas entre os membros são, principalmente, realizadas por meio de ferramentas da própria plataforma. Contudo, os booktubers também ocupam outras redes sociais na intenção de promover ainda mais o canal, a exemplo do que ocorre atualmente com as empresas, as quais contratam profissionais experientes para gerenciar seus perfis nas diversas RS da web. A partir deste tópico, iniciamos a análise de como os membros da CD estudada utilizam os espaços dos principais sites de rede social.

Os três booktubers analisados na parte microscópica da presente pesquisa possuem páginas no Facebook, nas quais compartilham, principalmente, os links dos vídeos produzidos no YouTube. Os mesmos conteúdos circulam nas diferentes Redes Sociais na intenção de que mais pessoas consigam visualizá-los.

No Facebook há também grupos fechados de booktubers, como o BookTube Brasil¹³, elaborado para divulgar tags e para troca de experiências entre os membros. Em uma das publicações desse grupo, uma das administradoras escreve “(...) *vamos nos entrosar mais. Esse tópico foi criado com o intuito de sugerirmos Tags e discutirmos a criação de algumas [tags] originais*” (Figura 04). Tal postagem obteve 103 comentários¹⁴, a maioria apenas de anexos de vídeos disponíveis no YouTube, o que comprova a valorização da comunicação por meio de vídeos pelos membros do grupo.

¹³ <https://www.facebook.com/groups/607668956033337/>

¹⁴ Até o dia 28 de outubro de 2017.

Figura 04 – Participação de booktubers no Facebook.



Fonte: Reprodução (2015).

É notória, no entanto, a baixa participação no Facebook, uma vez que as ferramentas disponíveis por esta RS se assemelham às oferecidas pelo YouTube, principal ambiente utilizado pela CDV e, portanto, espaço privilegiado para as interações dos booktubers. Já no Instagram, uma ferramenta em ascensão muito utilizada por jovens, é possível perceber maior interação e uso dos recursos fornecidos pela plataforma.

5.2.2 Instagram

O Instagram é uma rede social de fotos e vídeos com mais de 800 milhões¹⁵ de usuários no mundo. Trata-se de um aplicativo para celulares que, atualmente, possibilita postar fotos e vídeos longos no *feed* e publicar vídeos curtos e fotos no *Stories*¹⁶ – um recurso do Instagram para postagens de fotos e vídeos por 24 horas.

¹⁵ Dado disponível no site do Instagram: <https://instagram-press.com/our-story/> Acessado em 28 de outubro de 2017.

¹⁶ Descrição do recurso pela própria plataforma: “Esta nova funcionalidade permite que você compartilhe todos os momentos do seu dia e não somente os que você quer manter no seu perfil”. Na medida em que você compartilha diferentes fotos e vídeos, eles aparecem juntos, como uma sequência, um filme da sua história”. Disponível em: https://www.facebook.com/InstagramBrazil/?brand_redir=534492139900843. Acessado em 28 de outubro de 2017.

A ferramenta permite, ainda, buscar conteúdos por meio de hashtags (#), o que possibilita visualizar postagens com mesmo tema de modo mais fácil. A imagem 05 mostra as primeiras fotos visualizadas a partir da busca pela hashtag #booktuber. Nota-se, portanto, que esta ferramenta, além de permitir que sujeitos sigam contas cujos temas são de interesse, facilita a promoção dos booktubers também nesta RS.

Figura 05 – A hashtag booktuber no Instagram



Fonte: Reprodução (2018).

Todos os três canais analisados possuem uma conta no Instagram, nas quais podemos perceber fotos de livros, estantes e outros elementos do universo leitor, mas, também, é perceptível os usos distintos que estes sujeitos fazem desse espaço. Enquanto Tatiana Feltrin (@tatianafeltrin¹⁷) posta fotos, principalmente, para informar que os vídeos já estão publicados no YouTube, Eduardo Cilto (@eduardocilto¹⁸) utiliza mais a plataforma para publicar fotos dele em momentos cotidianos, embora apareça, em menor quantidade, fotos de livros. Já Laiara Lacerda (@bookwindow¹⁹) possui duas contas no Instagram, uma conta pessoal e, atualmente, restrita a seguidores

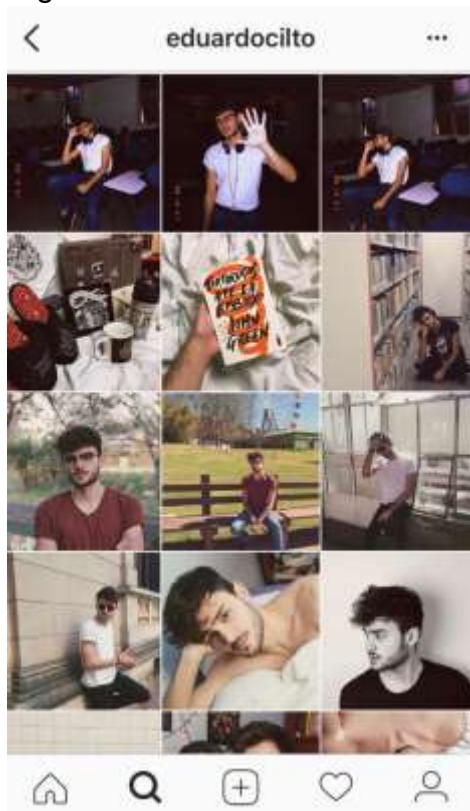
¹⁷ <https://www.instagram.com/tatianafeltrin/>

¹⁸ <https://www.instagram.com/eduardocilto/>

¹⁹ <https://www.instagram.com/bookwindow/>

permitidos (@laiaralacerdadv²⁰) e outra intitulada BookWindow, na qual a booktuber divulga seu canal do YouTube Janela de Livros.

Figura 06 – Feed de Eduardo Cilto



Fonte: Reprodução (2018).

O *feed* de Eduardo Cilto (figura 06) revela a relação mais pessoal e blogueira dos conteúdos produzidos por ele. Entre muitas fotos dele mesmo, há fotos de livros lidos e aquisições. Nos stories da ferramenta, o booktuber costuma mostrar os presentes recebidos, entre os quais, geralmente há obras literárias.

Já nos *feeds* de Tatiana Feltrin e Laiara Lacerda, percebe-se a constância de fotos de livros e do diálogo sobre eles. No perfil de Tatiana (figura 07), praticamente todas as imagens estão relacionadas aos livros lidos e sugestões de leitura. Há também a divulgação dos vídeos produzidos.

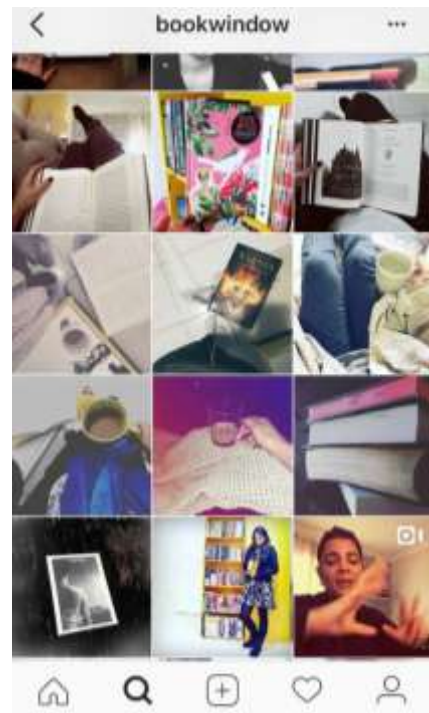
²⁰ <https://www.instagram.com/laiaralacerdadv/>

Figura 07 - Feed de Tatiana Feltrin



Fonte: Reprodução (2018).

Figura 08 - Feed do Canal BookWindow



Fonte: Reprodução (2018).

Ainda no espaço do Instagram, é possível receber o *feedback* dos seguidores por meio de comentários, como se vê na figura 09, na qual aparecem três dos mais

Figura 09 – Comentários no Instagram da Tatiana Feltrin

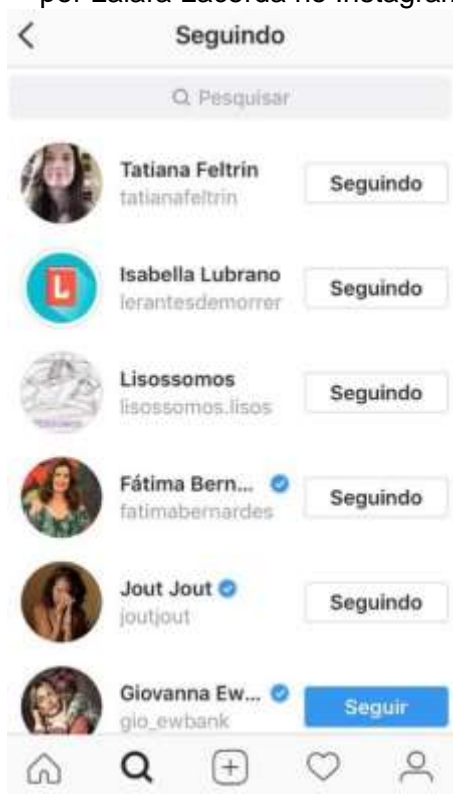


Fonte: Reprodução (2017).

de 60 comentários em uma postagem de Tatiana Feltrin sobre o “Dia do Horrorzinho”, dia em que a booktuber produz um vídeo especial para o Dia das Crianças, já que esta data ocorre em outubro, mês que ela dedica aos livros de histórias de terror.

É importante destacar que os membros menos experientes seguem os mais experientes, como é possível flagrar no Instagram do canal de Laiara Lacerda (Figura 10). Isso justifica a semelhança das postagens, nas quais são promovidos sorteios de livros, divulgação de vídeos publicados no YouTube, divulgação de eventos, divulgação de livros patrocinados ou não, entre outras atividades relacionadas a manutenção da comunicação e a ampliação da audiência.

Figura 10 – Exemplo de contas seguidas por Laiara Lacerda no Instagram



Fonte: Reprodução (2017).

A figura 10 mostra que Laiara Lacerda segue o perfil de Tatiana Feltrin no Instagram, assim como a conta de Isabella Lubrano (@lerantesdemorrer²¹), outra booktuber experiente. Laiara segue também outros booktuber iniciantes, como Lisossomos (@lisossomos_lisos²²). Essa rede de integração permite a troca de

²¹ <https://www.instagram.com/lerantesdemorrer/>

²² <https://www.instagram.com/lisossomos.lisos/>

experiências entre os sujeitos que se “presentificam” nos diversos ambientes *online*. Na seção seguinte, continuamos a análise dos mecanismos de participação e de comunicação, descrevendo o uso do Twitter.

5.2.3 Twitter

O Twitter é uma rede social no formato de *microblogging* que conta, atualmente, com mais de 110 milhões²³ de usuários diários ativos em todo mundo. Um diferencial dessa RS é a ferramenta Trending Topic²⁴ (TT), a qual disponibiliza dados gerados por um algoritmo capaz de identificar as *hashtags* e palavras relacionadas mais frequentes no momento. É possível, ainda, ver os assuntos locais mais populares alterando a localização e até elaborar tendências personalizadas, as quais são geradas por um algoritmo²⁵.

Tanto a busca e difusão dos conteúdos por meio de *hashtags*, quanto a existência da ferramenta “*Similar to You*” ou, em português, “Quem seguir” comprovam a formação de tribos (MAFFESOLI, 1988) nessa RS, já que os algoritmos agregam perfis semelhantes com base nos conteúdos produzidos por quem os usuários seguem. Esse fenômeno é flagrado quando acessamos as páginas dos booktubers e as primeiras sugestões para seguir são também páginas de booktubers.

No perfil de Tatiana Feltrin²⁶, por exemplo, encontramos a indicação das páginas Cabine Literária²⁷, Victor Almeida²⁸ e Bruno Miranda²⁹. As três sugestões estão relacionadas a produtores de conteúdo literário no YouTube e em todas é possível flagrar postagens que divulgam os vídeos produzidos.

²³ Segundo a Bloomberg, agência de notícia especializada em assuntos financeiros.

²⁴ Em português, usa-se a expressão “Tendências do Momento”. Embora, muitos dos internautas escrevam e falem a expressão em inglês, ou simplesmente TT.

²⁵ Os algoritmos são séries de códigos baseados em inteligência artificial que estão entranhados em sites captando os conteúdos que possam interessar aos usuários com base nas páginas visitadas e nos produtos virtuais consumidos nas redes sociais. As plataformas, como o YouTube, seleciona os conteúdos conforme a relevância, criando, assim, apresentações de páginas diferentes para cada usuário.

²⁶ <https://twitter.com/tatifeltrin>

²⁷ <https://twitter.com/cabineliteraria>

²⁸ <https://twitter.com/victoralmeidap>

²⁹ <https://twitter.com/bubarim>

Figura 11 – Perfil de Tatiana Feltrin no Twitter



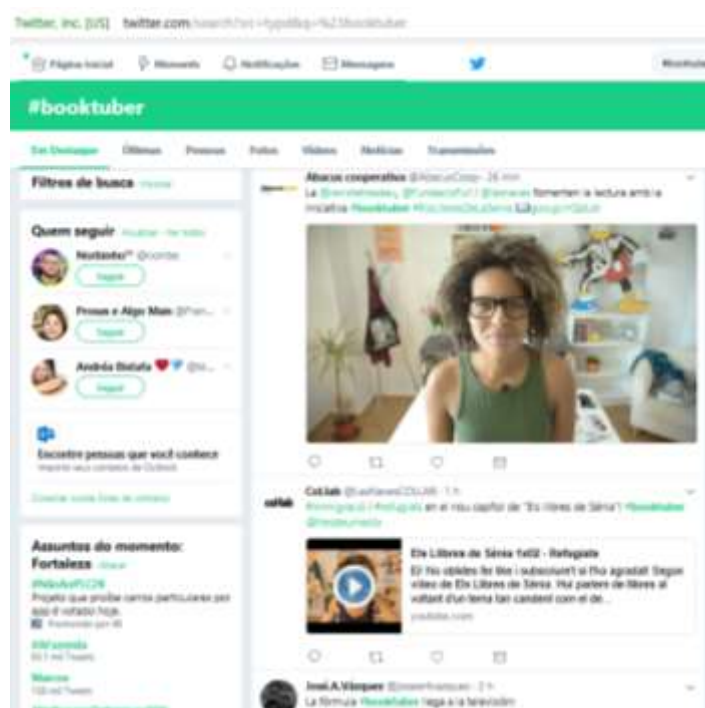
Fonte: Reprodução (2017).

Também é possível encontrar o perfil no Twitter da booktuber Laiara Lacerda³⁰ entre os seguidores de Tatiana Feltrin, como se vê na figura 11. O fato de uma booktuber iniciante seguir uma booktuber experiente nos remete ao modo em que a comunicação ocorre nos ambientes profissionais, como em um processo de subordinação em que os membros menos experientes são instruídos pelos mais experientes.

Pesquisando a hashtag #booktuber, encontramos, também, vasto conteúdo agregado sobre a cultura leitora em vários idiomas. A busca por termos, portanto, é uma das formas de reunir sujeitos interessados em um mesmo tema.

³⁰ <https://twitter.com/janeladelivro>

Figura 12 – Pesquisa pelo termo “booktuber” no Twitter



Fonte: Reprodução (2017).

Outro recurso que facilita a formação de tribos é a busca por termos e a escolha pela opção “pessoas”, a qual apresenta perfis de sujeitos que estão relacionados ao termo buscado. Buscando o termo “booktuber”, por exemplo, é possível encontrar vários perfis de booktubers experientes, como Thereza Andrada³¹, Aione Simões³², Ju Cirqueira³³ e Bruna Miranda³⁴.

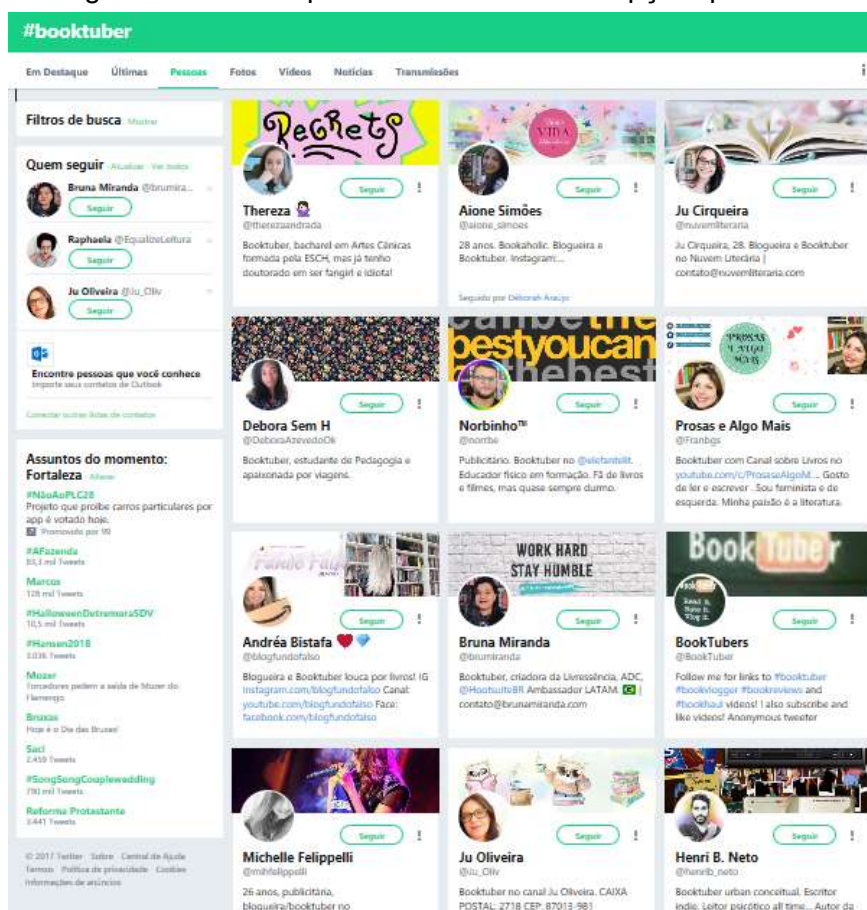
³¹ <https://twitter.com/therezaandrada>

³² https://twitter.com/aione_simoes

³³ <https://twitter.com/nuvemliteraria>

³⁴ <https://twitter.com/brumiranda>

Figura 13 – Busca pelo termo “booktuber” opção “pessoas”



Fonte: Reprodução (2017)

Como vimos, o Twitter utiliza algoritmos capazes de agregar conteúdo semelhante e, evidentemente, indivíduos produtores desses conteúdos. Esse recurso, que, desde o início da plataforma, mostrou ser o grande diferencial, tanto facilita a ampliação e a manutenção da comunidade, como a inserção de novos membros.

5.2.4 Skoob

Segundo informações da própria plataforma, o Skoob³⁵ é

a maior rede social para leitores do Brasil. Funcionamos como uma estante virtual, onde você pode não só colocar os livros que já leu, como aqueles que ainda deseja ler. Tudo de forma organizada para que você não se perca durante as leituras. E você ainda tem a vantagem de poder compartilhar suas opiniões com seus amigos, fazer trocas de livros, participar de sorteios, ganhar cortêsias e muito mais.

³⁵ Informação extraída da plataforma. Link: https://www.skoob.com.br/inicio/quem_somos. Acessado em 30 de outubro de 2017.

Nesse sentido, a Rede Social Skoob é destinada a leitores e escritores, os últimos podem trocar experiências sobre as leituras realizadas, elaborar listas de livros que pretendem comprar, assim como dos que já adquiriram, escrever comentários e dar notas aos livros lidos, produzir resenhas, participar de grupos de leituras e até trocar livros com outros membros da rede. Já os primeiros podem receber o feedback dos leitores, divulgar seus livros e, inclusive, aumentar as vendas, uma vez que o fato da obra ocupar a rede de leitores amplia a capacidade de ela ser vista. Não por acaso, as editoras também estão presentes no Skoob no intuito de divulgar os títulos.

Em uma rede destinada especialmente à leitura, é evidente a presença de booktubers. Dos três booktubers, cujo foco de nossa pesquisa se mantém, Laiara Lacerda³⁶ é quem mais utiliza o Skoob, principalmente para marcar os livros lidos e para elaborar pequenas resenhas.

Figura 14 – Perfil de Laiara Lacerda no Skoob



Fonte: Reprodução (2017).

Já Tatiana Feltrin³⁷ demonstra pouca participação no Skoob, mesmo na lista de desejados, o que deve ser motivado pelo próprio processo criativo da booktuber, a qual elabora vídeo-resenhas de praticamente todos os livros que lê, mesmo dos que não gosta. A última avaliação de livros de Feltrin foi em 2015.

Eduardo Cildo não possui conta de leitor, isso ocorre porque ele também é autor do livro *Traços*, vendido principalmente no formato *e-book*, e, por isso, mantém uma conta de autor. O perfil do livro no Skoob tem mais de 800 avaliações e 67 resenhas,

³⁶ <https://www.skoob.com.br/usuario/1459792-janeladelivro> Acessado em 30 de outubro de 2017.

³⁷ <https://www.skoob.com.br/usuario/2555935-tatiana.feltrin>

além de 2.800 pessoas interessadas em ler, conforme os dados³⁸ mostrados no próprio perfil.

As ferramentas do Skoob atendem a duas propostas: a montagem de um perfil no qual os leitores elaborem suas informações pessoais de leitor, como a estante de livros lidos, não lidos e abandonados, e outra que envolve a participação dos sujeitos no grupo, como a possibilidade de agregar vídeos de resenhas na página dos livros, de avaliar e de trocar um livro por outro.

Na página do livro de Eduardo, flagramos vídeos do YouTube, todos de booktubers, sendo compartilhados na ferramenta destinada a agregar vídeos sobre o livro, o que comprova mais uma vez que o YouTube é, atualmente, a RS mais utilizada para a divulgação literária.

Figura 15 – Perfil do livro Traços, de Eduardo Cilto, no Skoob



Fonte: Reprodução (2017).

O Skoob, plataforma criada em 2009, possui, portanto, recursos que auxiliam a união de sujeitos em torno de interesses comuns por obras e autores, funcionando como um nicho da comunidade leitora, a qual se divide pelas preferências literárias ao mesmo tempo em que demarcam o ambiente como espaço para divulgação da Literatura.

³⁸ Informações visualizadas no dia 30 de outubro de 2017.

Os e-mails e as correspondências, os quais serão analisados na seção subsequente, são outros mecanismos que servem à comunicação dos membros do grupo BookTube.

5.2.6 E-mail e Correspondências

Informar o e-mail nas descrições dos vídeos é uma prática já convencionalizada pelos youtubers em geral. Essa ação está associada ao modo como os vídeos são visualizados no YouTube, já que não é preciso acessar as páginas dos produtores para vê-los e até podem ser vistos após outro, caso a reprodução automática esteja selecionada. Os e-mails são utilizados para a comunicação mais profissional do grupo, como deixa claro Tatiana Feltrin e Eduardo Cilto (exemplos 5 e 6, respectivamente).

(5) Quer anunciar seu livro no TLT?
tatifeltrin.booktuber@gmail.com

(6) Contato comercial: perdidonoslivros@gmail.com

Booktubers mais experientes recebem livros das editoras por correio, o que ocorre muitas vezes sem contato prévio, segundo afirmou Isabella Lubrano, em uma entrevista disponível no YouTube³⁹. Ela afirma também que a quantidade de livros recebidos é absurda e jamais daria tempo de ler tudo. Os fãs também enviam presentes, como marcadores estilizados, bonecos de coleção e, claro, livros. Nesse sentido, divulgar o endereço pode ser entendido como uma forma de participação entre a audiência e as editoras e os produtores de conteúdo.

Não encontramos, no entanto, a divulgação do endereço nos vídeos de Laiara Lacerda, tampouco flagramos o recebimento de livros de editoras nos vídeos de *unboxing* da booktuber, nos quais ela comenta que os comprou. Sobre esse fato, podemos destacar a diferença entre os dois booktubers experientes e a booktuber Laiara Lacerda. Os primeiros são presenteados pelas editoras, enquanto a terceira não é, haja vista o menor capital social (LIN, 2001) que ela possui na comunidade. É

³⁹ https://www.youtube.com/watch?v=vhNu823_0WM. Acessado em 30 de outubro de 2017.

por isso que sujeitos menos experientes buscam se fortalecer em uma rede, ampliando seu capital social e obtendo vantagens para ele e para o grupo.

O e-mail e os demais mecanismos de participação e de comunicação são utilizados visando a divulgação dos conteúdos publicados no YouTube, o que será descrito no próximo tópico.

5.2.7 As ferramentas de comunicação do YouTube

Além das ferramentas de participação já apresentadas, as quais estão relacionadas a propagação externa dos conteúdos elaborados pelos produtores e consumidores dos gêneros produzidos pela CD dos booktubers, há ainda um conjunto de ferramentas disponíveis na plataforma YouTube para a promoção da participação e da comunicação do público, o que possibilita uma relação ativa e atuante da audiência. É indiscutível que os recursos que permitem o público avaliar, questionar, opinar e organizar o que pretende ver ou continuar vendo foram imprescindíveis para a popularização da plataforma e também são fatores decisivos para a inserção do YouTube entre os SRS.

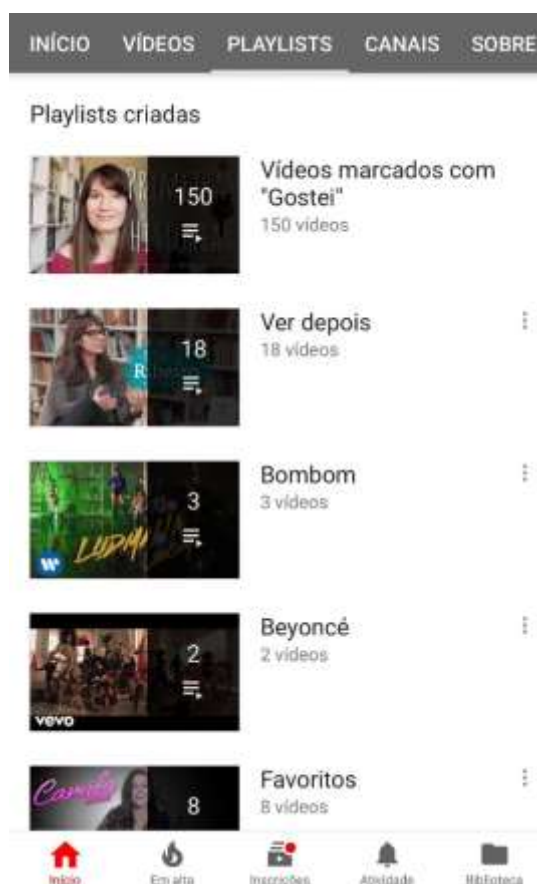
Uma das ferramentas mais importante para o feedback de quem mantém uma página no YouTube são as marcações “gostei” e “não gostei” (também conhecidas como like e dislike). Para os criadores de conteúdos é uma forma de compreender quais assuntos o público se interessa mais, o que sugere continuar elaborando ou não vídeos com conteúdos semelhantes. No caso dos booktubers, é uma forma de avaliar quais livros resenhados despertam mais interesse do público do canal. Tatiana Feltrin, por exemplo, resenha tanto obras clássicas quanto best-sellers, mas compreende que os títulos mais populares no canal são os indicados para os vestibulares das Universidades, para tanto a booktuber leva em consideração o número de gostei e de visualizações.

Já para a plataforma, a indicação métrica do número de gostei e não gostei é fator importante para montar a página pessoal dos usuários. Assim, espera-se que a configuração dos vídeos mostrados no topo de uma página de um usuário que acessa a conta dele no YouTube esteja sempre relacionada aos conteúdos mais vistos pelo sujeito e, principalmente, pela sinalização com “gostei” em um vídeo específico. Nota-se, portanto, a tendência de um usuário continuar um percurso de visualizações de vídeos cujo conteúdo esteja relacionado às suas preferências.

Uma CD se beneficia plenamente dos algoritmos de padronização de páginas, uma vez que a participação sinalizada pelo gostei informa que um conteúdo específico interessa ao sujeito de tal forma que novos conteúdos semelhantes devem ser mostrados no topo da página, o que mantém o consumo dos vídeos e, conseqüentemente, a produção de novos conteúdos, ampliando a participação e a comunicação entre os membros.

Além disso, quando um usuário marca o vídeo com um “gostei” gera uma playlist automática dos vídeos aprovados (figura 16), a qual pode ser acessada novamente. Esse recurso tem o propósito de unir sujeitos em torno de um mesmo interesse, já que é permite que um usuário veja a playlist do outro, conectando, assim, o público consumidor.

Figura 16 – Criação de playlists



Fonte: Reprodução (2017).

A ferramenta de comentários é outro recurso importante para o feedback, pois é por meio dela que a interação extrapola o limite de uma marcação automática e as discussões são instauradas entre todos os envolvidos nos moldes de uma

conversação. É comum flagrarmos correções do conteúdo elaborado pelos booktubers, além de provocações ou discordâncias em torno de algum assunto exposto no vídeo. Os comentários também são organizados por relevância, priorizando a interação de famosos (os quais têm a conta verificada e sinalizada por um ícone – figura 17) e do próprio produtor do vídeo e dos comentários mais curtidos, pois nesta ferramenta também há a opção para sinalizar “gostei” ou “não gostei” (figura 17).

Figura 17 – Ferramenta comentários no YouTube



Fonte: Reprodução (2017).

Na figura 17, um inscrito alerta à Tatiana Feltrin quanto a um erro cometido por ela na vídeo-resenha do livro “It: a coisa”. A relação entre produtores e consumidores interliga a rede numa dependência entre atores, na qual cada um desempenha função importante para a manutenção do grupo. Tais práticas comunicativas são produzidas por meio de gêneros, dos quais trataremos na seção seguinte.

5.3 Os gêneros

O advento do universo virtual e a popularização dos recursos das diversas redes sociais modificaram o comportamento dos sujeitos, que passaram a realizar atividades de outros modos e por outros meios. Sendo assim, alguns hábitos deixaram

de ser corriqueiros e novas formas de realização de atividades foram legitimadas, como o envio de cartas que passou a ser substituído pelo envio de e-mails ou pela simples conversação em SRS.

Embora possamos pensar que novas práticas inauguram novos gêneros, é imprescindível levarmos em consideração que os gêneros muitas vezes apenas são inseridos ou reelaborados no espaço digital. Uma fotografia, por exemplo, pode ser impressa em papel ou simplesmente ser observada em um smartphone, entretanto não haverá nenhuma diferença significativa entre as cores e a composição das estruturas, tampouco quanto ao conteúdo – estaremos diante de um mesmo gênero visto por dois suportes diferentes: o papel e a tela do aparelho. Portanto, os gêneros discursivos podem ter a mesma estrutura em um jornal ou revista e em um ambiente digital.

Entretanto, outros gêneros discursivos são reelaborados a partir de novas semioses, principalmente as de caráter visuais, que possibilitam novas práticas discursivas ou novas maneiras de produzir gêneros antigos. Sobre isso, Araújo (2016) afirma que gêneros impressos ao chegarem à Web adquiriram características própria dela, evoluindo em aspectos multimodais, mas as alterações em suas constituições não foram suficientes para que sofressem mudanças profundas a ponto de serem considerados como outros gêneros.

Visão igual é defendida por Swales (1990), quando entende que os gêneros são propriedades de comunidades discursivas, as quais padronizam e convencionam suas atividades comunicativas. Dito de outro modo e inter-relacionando com os estudos de Araújo (2016) acerca da reelaboração de gêneros, uma vez que uma CD tenha o interesse de diferenciar suas práticas e dispõe de novos recursos multimodais, passa a reelaborar um gênero conforme os recursos disponíveis e os interesses gerenciados pelos membros do grupo. A conversa face a face, por exemplo, passou por um processo de transmutação nos chats, como confirmou a pesquisa de Araújo (2006). Fenômeno semelhante aconteceu com as resenhas escritas de filmes e livros, as quais passaram a ser produzidas no espaço do YouTube pelos youtubers, e em especial pelos booktubers. Antes, Tatiana Feltrin produzia resenhas escritas em blogs, quando os vlogs se popularizaram, ela passou a ler as resenhas escritas nos vídeos em seu canal no YouTube. Após alguns meses, a booktuber passou a elaborar a resenha durante a gravação dos vídeos e utilizar novos recursos imagéticos e

sonoros, os quais só são possíveis por meio de ferramentas que permitam a criação dessas semioses.

A análise das vídeo-resenhas permite confirmar movimentos retóricos comuns à resenha escrita e outros que estão relacionados ao espaço de publicação do gênero e à CD que o produziu.

Quadro 03 – Movimentos Retóricos de Resenhas

Unidade retórica 1	INTRODUZIR A OBRA
Subunidade 1	Definindo o assunto/tema central e/ou
Subunidade 2	Argumentando sobre a relevância da obra e/ou
Subunidade 3	Informando sobre o autor e/ou
Subunidade 4	Fazendo generalizações sobre o tema e/ou
Subunidade 5	Referindo-se a publicações anteriores e/ou
Subunidade 6	Informando sobre a origem da obra
Unidade retórica 2	SUMARIAR A OBRA
Subunidade 7	Descrevendo a organização da obra e/ou
Subunidade 8	Apresentando/discutindo o conteúdo e/ou
Subunidade 9	Citando material extratextual
Unidade retórica 3	CRITICAR A OBRA
Subunidade 10	Avaliando positiva/negativamente e/ou
Subunidade 11	Apontando questões editoriais
Unidade retórica 4	CONCLUIR A ANÁLISE DA OBRA
Subunidade 12A	Recomendando a obra completamente ou
Subunidade 12B	Recomendando a obra com restrições e/ou
Subunidade 13	Indicando leitores em potencial

Fonte: Bezerra (2001, p. 71)

É possível perceber que os movimentos retóricos das resenhas escritas estão presentes nas vídeo-resenhas analisadas, porém em ordens diversas a partir dos objetivos de cada produtor e dos contextos relacionados principalmente à situação da obra e do autor. Nas vídeo-resenhas de livros cujos autores são bastante conhecidos, por exemplo, é comum a comparação entre a obra resenhada e as outras obras de mesma autoria. O que diferencia, portanto, as vídeo-resenhas das resenhas escritas são movimentos retóricos que só são possíveis por meio dos recursos disponíveis no espaço digital, tais como as vinhetas, a apresentação da estrutura física do livro e de recursos extratextuais que são apenas mostrados no vídeo.

Além disso, há movimentos que estão relacionados ao espaço de produção e ao ambiente de divulgação do gênero, como a solicitação de curtidas e de inscrição

no canal e a apresentação do booktuber, fenômenos não particulares do grupo Booktube, pois é uma prática corriqueira de todos os canais do YouTube, uma vez que as curtidas geram maior audiência e a divulgação do canal em um vídeo promove a incursão em outros, gerando capital social (WELLMAN, 2001).

A vídeo-resenha é o gênero mais importante para a CD dos booktubers, embora não seja possível afirmar que é o gênero mais utilizado por seus membros, isso ocorre por que, como já discutimos, não podemos entender apenas os produtores como participantes do grupo. Sendo assim, ao considerarmos o conjunto de gêneros que representam as atividades do grupo *BookTube* é preciso compreender a rede como um todo, na qual estão presentes gêneros tipicamente produzidos pelos produtores, como os vlogs pessoais, as propagandas e as vídeo-resenhas; e aqueles produzidos pelos consumidores, tal como os comentários.

Analisando os 25 (vinte e cinco) vídeos de cada um dos três *booktubers*, constatamos que, com exceção de Eduardo Cilto, há predominância de vídeo-resenhas nos canais de Tatiana Feltrin e Laiara Lacerda. Enquanto Cilto dedica-se mais aos vlogs, cujos conteúdos são diversos e, no caso específico dele, relacionado a séries e filmes, Tatiana e Laiara dedicam-se mais às tags, às maratonas e aos projetos de leitura. Da amostra de 75 (setenta e cinco) vídeos, 25 (vinte e cinco) são vídeo-resenhas, 23 (vinte e três) são vlogs, 2 (dois) são respostas às perguntas dos fãs e 25 (vinte e cinco) são produções de outros conteúdos, como sorteios, lista de livros recebidos, maratonas literárias, lista de livros comprados e respostas às tags.

Há ainda um conjunto de gêneros que não pertencem à CD, mas ao espaço de divulgação dos vídeos. Os anúncios publicitários distribuídos antes do vídeo começar, no meio do vídeo, nas páginas dos canais e nos perfis dos usuários exemplificam a prática comercial do YouTube.

Em suma, os vídeos analisados devem ser entendidos como eventos comunicativos, nos quais os gêneros estão imbricados. É comum, em um mesmo vídeo presenciarmos mais de um gênero: o booktuber, ao mesmo tempo em que resenha, anuncia a promoção de um livro em uma livraria conhecida, no início aparece uma vinheta – que, para Araújo (2017), deve ser entendida como um movimento retórico das vídeo-resenhas – e, no final, em tom de conversa, fala sobre livros que gostaria de resenhar ou do pouco tempo para gravar novos vídeos.

Para Swales (1990), os membros de uma comunidade discursiva passam a nomear os gêneros produzidos por eles de modo específico. Os booktubers possuem

um conjunto de práticas intituladas a partir de ações tipicamente elaborados pelos produtores de conteúdo do YouTube, como o “unboxing”, que consiste em mostrar os presentes recebidos em um determinado período. No entanto, um “unboxing” de um booktuber é sempre de livros, os quais são recebidos de editoras ou comprados. Já outros termos que nomeiam práticas discursivas e produtos dos youtubers são especificamente pertencentes ao grupo, tal como a prática do “Book Talk”, que consiste em debater um livro, ou seja, discutir questões acerca de uma obra. Quanto ao ato de elaborar terminologias para os gêneros produzidos pelos membros de uma CD, exporemos mais sobre o assunto na seção seguinte.

5.4. A terminologia específica

Segundo Swales (1994), uma CD apresenta um léxico específico e incomum aos que não participam do grupo. Este critério esclarece o fato de novos membros precisarem se assegurar dos hábitos de linguagem de um grupo para pertencerem efetivamente a ele e, assim, realizar as ações enunciativas, as quais tendem a ser diferenciadas por nomes particulares, além de serem executadas de forma específica pelo grupo. É também por esse critério que um indivíduo que não participa do grupo achará estranha a forma de nomear determinadas práticas.

No caso dos booktubers, é possível identificar o uso de termos próprios do ambiente digital e, especialmente do YouTube; e outros específicos do grupo. Entre os termos que nomeiam práticas enunciativas realizadas pelos membros do grupo aparecem *expressões contendo a palavra Book*, tais como Book talk, Bookshelf Tour, Booktubeathon (ou Booktube-a-thon) e Booktrailer.

A expressão **Book Talk** nomeia o ato de discutir um livro sem resenhá-lo, utilizando a estratégia de persuasão para incentivar a leitura da obra. Nestes vídeos, geralmente, os booktubers discutem temas sociais tratados no enredo das obras apresentadas nos vídeos e mostram motivos para lê-las.

A prática de um booktuber mostrar todos os títulos da estante e o modo em que estão organizados nas prateleiras é denominada **Bookshelf Tour**. Por ser um vídeo longo e por que as aquisições de obras não sofrem grande alteração em pouco tempo, cada booktuber grava um Bookshelf Tour por ano.

Booktubeathon (ou Booktube-a-thon) é como os membros do BookTube chamam a maratona de leitura, que ocorre em vários canais em um determinado

período e há, inclusive, datas específicas para que as maratonas ocorram, como em abril ou agosto, quando o desafio VEDA⁴⁰ acontece. Como vimos, uma CD utiliza termos específicos para as práticas comuns do grupo no sentido de manter ativa as ações e promover a ampliação da comunidade, por isso ao nomear uma prática discursiva, o grupo diferencia suas ações das ações de outros grupos, legitimando o pertencimento a uma CD.

O **Booktrailer** é um vídeo de divulgação de uma obra, que, como o próprio nome sugere, guarda semelhança com os trailers de filmes. É uma prática financiada ou mesmo produzida por editoras, cujo intuito é publicitar as obras nos canais dos youtubers.

Quadro 04 – Terminologias recorrentes no BookTube

Terminologias específicas do grupo BookTube	Terminologias recorrentes nos canais do YouTube e na Web	Terminologias da área editorial ou da Literatura
TBR (To be read) TBR jar Book Talk Book Unhaul Bookshelf Tour Booktubeathon Booktrailer	Unboxing Wish list Tag Flopar VEDA (<i>Vlog Every Day April / August</i>) Hype	Quote Spoiler Blurb

Fonte: Elaborado pelo autor

Além dos termos elaborados a partir da associação com a palavra book, foram registradas, durante o estudo etnográfico, duas *siglas*: TBR e VEDA.

TBR é a sigla de *To Be Read*, prática de listar os livros que o booktuber pretende ler em um determinado período. Há ainda a **TBR Jar**, uma brincadeira na qual o booktuber escreve os nomes dos livros que ainda não leu em pedaços de papel, coloca-os dentro de um recipiente e sorteia alguns títulos para lê-los.

VEDA é a sigla de *Vlog Every Day April / August*, que consiste em produzir vídeos todos os dias de abril ou de agosto. Apesar de não ser uma prática apenas dos booktubers, já que vários canais de assuntos diversos também realizam, a VEDA é muito comum entre os membros da comunidade literária, no sentido específico de

⁴⁰ Vlog Every Day April/ August

produzir uma vídeo-resenha de um livro diferente por dia ou outros conteúdos relacionados à Literatura.

Os termos Quote, Spoiler e Blurb também muito utilizados pelos booktubers já são conhecidos na terminologia literária e na área editorial. **Quote** é a citação de uma frase ou um trecho do livro que chamou a atenção do leitor. **Spoiler**, muito comum também na terminologia cinematográfica, serve, especialmente, para a comunidade literária, para indicar que há informações sobre o enredo, as quais não são interessantes para quem ainda não leu a obra. **Blurb** são as frases de jornais importantes ou escritores famosos que são publicadas na capa dos livros no sentido de atribuir valor e despertar o interesse dos leitores.

Há ainda as terminologias comuns aos usuários da Web e, principalmente, a quem produz ou consome vídeos no YouTube. Para ilustrar, discorreremos sobre os termos Unboxing, Tag, Flopar e Hype.

Vídeos de **unboxing** são comuns no YouTube. Neles, os youtubers abrem caixas com os presentes recebidos, como roupas, maquiagens, produtos rejuvenescedores, brinquedos etc. Os booktubers mais famosos recebem livros de editoras, livrarias e autores em troca de divulgação. Já os produtores não famosos costumam comprar livros em sites da internet e gravam o momento de abertura dos pacotes.

Tag em inglês quer dizer etiqueta. As tags na internet são palavras que servem justamente como uma etiqueta, pois agrupam conteúdos similares, os quais recebem a mesma marcação, ou seja, a mesma tag. No YouTube, os produtores usam as tag's para contar uma história sobre um assunto específico, fazer um desafio a outros youtubers, responder perguntas feitas pelos inscritos do canal etc. Alguns exemplos mais conhecidos são as tag's de desafios, como "Tente não rir", "Tente não cantar" e "10 fatos sobre mim". Os booktubers, por sua vez, criam tags literárias, tais como "Dez livros extraordinários que você não leu", "Livros de A a Z", "Não tão novata no BookTube" e "Livros que não nope".

Já os termos **flopar** e **hype** atravessaram as fronteiras da Web e são palavras utilizadas pelos adolescentes. A primeira significa "fracassar" e a segunda "extraordinário". Interessante é o uso específico que a comunidade BookTube faz dos termos. **Flopar** é muito utilizado quando o booktuber demonstra o receio ao iniciar um desafio ou uma maratona. **Hype** é adjetivo bastante empregado para elogiar obra ou leitores.

É possível identificar, portanto, pelo menos três tendências na terminologia empregada pela CD dos booktubers:

- a) Terminologias elaboradas pela própria comunidade discursiva;
- b) Terminologias comuns as diferentes comunidades virtuais presentes na Web e, especificamente, no YouTube;
- c) Terminologias já conhecidas na Literatura ou na área editorial.

O fato de as terminologias específicas serem em inglês vai além do fenômeno BookTube ter se iniciado e popularizado nos EUA, indica como as comunidades virtuais transpassam as barreiras de uma língua, uma vez que, além da mera nomeação das práticas, há a reelaboração dos conteúdos e a tendência pela homogeneidade da comunidade em um ambiente sem fronteiras, que é a Web.

Figura 18 – Vídeo Termos para Booktubers



Fonte: Reprodução (2017).

Enfim, é possível afirmar que o critério de elaboração de uma terminologia específica é totalmente preenchido pela comunidade estudada, uma vez que os membros do grupo utilizam vocabulário semelhante e nomeiam suas práticas com termos específicos. Além disso, para um sujeito pertencer efetivamente à CD precisará conhecer um conjunto de termos, pois estes nem sempre são explicados pelos booktubers em seus vídeos. Entretanto, há vídeos nos quais os produtores explicam o significado de palavras e expressões ao público iniciante (figura 18).

5. 5 A hierarquia no BookTube


Como vimos na descrição do critério anterior, para que um sujeito possa compreender o conjunto de práticas de uma CD é preciso antes conhecer a maneira como os membros realizam suas atividades, as quais são diferenciadas inclusive pela

forma de nomeá-las. Sendo assim, um membro iniciante deve se assegurar das características do grupo para que efetivamente possa colaborar para o crescimento dele. No caso específico dos booktubers, não bastaria o conhecimento compartilhado pelos usuários do YouTube, pois neste espaço circulam diferentes produções que se singularizam pelo conteúdo e pelos objetivos. Assim, um membro mais experiente serve de modelo para os iniciantes, os quais se apropriam dos gêneros, das formas de nomeá-los e dos usos específicos dos espaços que ocupam.

Para Swales (1992), a hierarquia de uma CD pode ser explícita ou implícita. Um grupo de trabalho, por exemplo, possui uma hierarquia definida, portanto explícita. Já um grupo de lazer não costuma definir lideranças, mas há quem discursivamente organize o trabalho do grupo, o que configura uma hierarquia implícita. Além disso, um membro novo precisará conhecer o comportamento da equipe, necessitando, assim, do auxílio dos membros mais especializados. Trazendo essa discussão para a CD BookTube é possível afirmar que não há uma hierarquia explícita, uma vez que não existe regulamentação ou códigos que orientem a admissão ou ascensão do grupo.

A organização em uma hierarquia implícita pode ser percebida de dois modos: 1) pelo tempo de participação na CD; 2) pelas marcas numéricas que demonstram o capital social acumulado. Por isso, não são raros os vídeos nos quais os membros da comunidade indicam outros canais de booktubers (figura 19). Outra característica é denominação “booktubers famosos”, comumente utilizado para se referir aos produtores mais conhecidos na rede e, portanto, os que possuem maior número de inscritos.

Figura 19 – Vídeos de indicação de booktubers



The image shows three YouTube video thumbnails. The first thumbnail, titled 'LOS MEJORES BOOKTUBERS DEL MUNDO (En español e inglés)', features two women reading books and has a duration of 4:27. The second thumbnail, titled '¡10 BookTubers que deberías ver! | LasPalabrasDeFa', shows a woman with purple hair pointing at the camera and has a duration of 10:48. The third thumbnail, titled 'Recomendando: ¡10 Booktubers que tienes que ver!', shows a woman in a yellow shirt pointing at the camera and has a duration of 9:22.

LOS MEJORES BOOKTUBERS DEL MUNDO (En español e inglés)
Eliot Channel Mx • 139 mil visualizações • 1 ano atrás
Esta semana en 52 Rankings, te presentamos a los 10 booktubers más populares en español e inglés. OTROS RANKINGS: Las ...

¡10 BookTubers que deberías ver! | LasPalabrasDeFa
laspalabrasdefa • 315 mil visualizações • 3 anos atrás
10 BookTubers que deberías ver! | LasPalabrasDeFa Hoy les hablo de diez BookTubers en español que tal vez no conocen, ...

Recomendando: ¡10 Booktubers que tienes que ver!
Clau Reads Books • 62 mil visualizações • 8 meses atrás
En este vídeo recomiendo booktubers que deberías ver (y tal vez no conocías). Son canales que me encantan y quise ...

Fonte: Reprodução (2016).

As produções nos espaços virtuais se caracterizam, no geral, pela independência e pela democracia, uma vez que qualquer sujeito em posse de equipamentos básicos pode produzir materiais que reverberam na Web. No entanto, um sujeito que busca ascensão precisará construir dentro da comunidade um trabalho que seja conhecido por todos e, assim, passe a servir de modelo para outros. Essa ascensão se dá pelo número de curtidas, pela quantidade de visualizações e pelo número de inscritos. Tatiana Feltrin, por exemplo, costuma ser reconhecida como a booktuber mais famosa do Brasil, isto acontece não apenas por que ela foi percursora no país da criação de material sobre livros no YouTube, mas, principalmente, pelo capital social acumulado nas centenas de vídeos produzidos por ela, os quais discorrem sobre diversos gêneros literários, passando por clássicos até histórias em quadrinhos.

A ascensão em comunidades virtuais é difícil também para quem já é visto como membro experiente, já que há a necessidade de produzir novos conteúdos e alimentar o canal, no sentido de promover a CD e de não a estagnar. É uma preocupação comum aos booktuber o não hábito de leitura dos brasileiros, por isso existe a crença de que a ampliação da comunidade gera também o aumento do

número de leitores. Logo, além da ascensão é importante, para eles, o aumento do número de pessoas interessadas em consumir e produzir conteúdos literários.

Figura 20 – Vídeos tutoriais para ser um booktuber



Fonte: Reprodução (2017).

Swales (1992) definiu ainda que dentro de uma hierarquia os membros mais especializados ensinam aos membros iniciantes, o que, ao analisar o objeto de nossa pesquisa, não foi difícil reconhecer, uma vez que existem centenas de vídeos ensinando como ser um booktuber (figura 20) e outros nos quais os produtores mais famosos ensinam o que fazer para conseguir inscritos e como organizam as rotinas de produção de conteúdo para os canais.

6 CONCLUSÕES

O objetivo principal desta pesquisa foi verificar, por meio da Netnografia, a adequação dos critérios de comunidade discursiva de Swales (1990; 1992) em um grupo possibilitado pelas ferramentas da web 2.0, o BookTube.

Para a consecução de nosso objetivo, iniciamos uma revisão nos critérios de identificação de CD propostos e revisados por Swales (1990; 1992) e entendemos que os critérios que discorrem sobre os mecanismos de participação e sobre as ferramentas de intercomunicação guardavam semelhanças – ainda mais quando a comunidade é formada dentro de um espaço de trocas comunicativas, como um site de rede social (SRS) - e, por isso, optamos por analisá-los sem distinção, uma vez que os mecanismos que mantêm a participação dos sujeitos são as próprias ferramentas de comunicação.

Seguindo esta estratégia teórica, constatamos que o grupo *BookTube* se constitui em uma comunidade discursiva nos moldes de Swales (1990; 1992), mas resguarda peculiaridades importantes quando comparamos o modo que preenche os critérios swalesiano com o dos outros grupos analisados em pesquisas anteriores. Concluímos, assim, que há, pelo menos, cinco grandes peculiaridades, as quais são apresentadas nos parágrafos seguintes.

A primeira peculiaridade está relacionada à formação de uma comunidade em espaço digital. Constatamos que os booktubers utilizam diferentes SRSs no intuito de divulgar as produções em vídeos publicados no YouTube, plataforma que possibilita inúmeros mecanismos de feedback, tais como o chat e as curtidas, os quais promovem a comunicação entre produtores e consumidores. A importância dessa prática está no objetivo de manutenção e ampliação da audiência que, atualmente, vêm se desenvolvendo na comunicação digital e têm modificado, inclusive, a comunicação de grupos de trabalho.

A segunda peculiaridade é a terminologia universal adotada pela comunidade em diferentes países e amplamente utilizada pelos membros. Quanto à terminologia foi possível identificar três grupos: palavras e expressões já existentes e reconhecidos pelos usuários e produtores do YouTube, terminologias da área editorial e literária e terminologias elaboradas pelos membros do BookTube juntando termos que remetem ao espaço literário ou à esfera da leitura. Tais terminologias são em língua inglesa e, raramente, são traduzidas pelos produtores de vídeos, o que demonstra a

universalidade da comunidade analisada. Além disso, observamos que as práticas discursivas realizadas pelo grupo de booktubers brasileiros analisados são influenciadas por booktubers estrangeiros. O léxico está em constante atualização e possui relação com as práticas desenvolvidas dentro da plataforma.

A terceira peculiaridade, que está relacionado aos gêneros, também demonstra o caráter universal da comunidade dos booktubers. O principal gênero produzido pelos booktubers é a vídeo-resenha de obras literárias. Seguindo o raciocínio de Swales (1990; 1992), as comunidades discursivas produzem e são permeadas por gêneros textuais que organizam suas práticas, mas há um ou mais gêneros que estão relacionados ao objetivo do grupo e configuram a razão da existência dele. Neste sentido, identificamos ser a vídeo-resenha o gênero que distingue esta comunidade das demais, pois é por meio da prática de resenhar livros que os booktubers se distinguem dos outros produtores de vídeos da plataforma YouTube. Quanto ao valor universal, é possível afirmar que as vídeo-resenhas resguardam características da resenha escrita, porém há movimentos retóricos próprios do ambiente digital no qual é produzido, como pedir para que os consumidores “curtam o vídeo” e “deixem seus comentários”.

A quarta peculiaridade é o modo como os membros novatos são inseridos nas práticas dos grupos. Observamos que o espaço virtual é democrático e oferece aos sujeitos o caminho de consumo ou produção de conteúdo, por isso qualquer sujeito pode produzir conteúdo para o YouTube. No entanto, os booktubers podem ser divididos em dois grupos: booktubers experientes e booktubers em ascensão. Os primeiros fornecem conhecimento aos segundos e são vistos como profissionais, instruindo-os quanto ao modo de produção e divulgação dos vídeos, uma vez que utilizam técnicas especiais de iluminação, gravação e enredo e detêm informações sobre quais produções mais agradam. Da constatação que os booktubers menos experientes são consumidores dos vídeos produzidos pelos membros mais famosos, é que podemos definir a hierarquia do grupo, que, diferente de comunidades de trabalho, só existe quanto ao capital social acumulado, que é marcado por números nas ferramentas: volume de curtidas e “gostei”, número de inscritos, número de seguidores, volume de comentários etc.

A quinta peculiaridade é a ação da própria ferramenta na construção e manutenção de comunidades discursivas virtuais. É sabido que a formação de uma rede social se dá por sujeitos reais que elaboram personas na virtualidade. No entanto,

SRS, como o YouTube, promovem a participação e integração dos sujeitos por meio dos metadados, os quais são responsáveis pela criação de páginas específicas para cada usuário a partir de informações recolhidas pelo comportamento do usuário na rede, o que também foi verificado no grupo estudado. Os booktubers personalizam seus conteúdos e nomeiam suas práticas a fim de oferecer a aglutinação dos conteúdos, possibilitando, assim, que um usuário encontre seus vídeos com mais facilidade.

Os resultados de nosso empreendimento netnográfico mostram que a teoria e a metodologia propostas por Swales (1990; 1992) possibilitam o estudo de comunidades virtuais e são caminhos para um estudo de gêneros discursivos e de netnografias que busquem flagrar características da linguagem de grupos sociais formados na virtualidade. Os seis critérios propostos pelo autor são flexíveis e visíveis em CDV. No entanto, é preciso não distinguir os mecanismos de participação dos de intercomunicação, uma vez que nos SRS a promoção e divulgação de conteúdo é favorecida pelas ferramentas de comunicação, como as mensagens, curtidas e visualizações.

É possível destacar, ainda, o caráter transdisciplinar da pesquisa netnográfica de comunidades discursivas, com possibilidade de constatações que servem à Sociologia, à Comunicação e a outras áreas, além da Linguística. Relacionado a isso, indagamo-nos sobre de que forma a maior conectividade, o compartilhamento de conteúdo e a interinfluência das comunidades afetavam os grupos sociais e contribuem para a construção de novos modelos de negociação da comunicação e para a construção de elos que podem representar uma comunidade discursiva. No percurso construído durante o gerenciamento e análise dos dados ficou evidente que são os objetivos e a identidade de um grupo o que representa a singularidade, posto que há um conjunto de relações comuns aos grupos que se formam na virtualidade. No YouTube, por exemplo, há uma infinidade de comunidades, as quais formam as redes e os nichos e só existem na virtualidade. Ou seja, sem o sistema, a plataforma e as tecnologias, a formação de uma rede seria inviável, isto implica diferenciar uma comunidade discursiva de uma comunidade discursiva virtual, embora não apenas por critério geográfico, mas sobretudo pela própria formação das comunidades que são instauradas pela estrutura tecnológica da plataforma e da web.

Neste sentido, a constatação das singularidades de uma comunidade discursiva virtual contribui para o estudo de gêneros que são complexificados no digital, como também de léxicos e especificidades de um grupo.

Destaca-se entre as conclusões, o fato de uma comunidade discursiva recreativa ou de trabalho, cuja formação acontece, geralmente, pelo estabelecimento geográfico, não se diferir de uma comunidade discursiva virtual, o que nos permite afirmar que há uma reelaboração das práticas face a face nos comportamentos dos grupos que interagem no virtual.

A continuidade da análise de comunidades discursivas virtuais possibilitará o entendimento das relações dos sujeitos com as plataformas, o que deve ser empreendido em outros grupos, entre os quais sugerimos o grupo do Facebook “Dias de Cinéfila”, o qual nos parece um terreno propício a investigação de outras semioses que se espalham de uma rede social para outra e demonstram a criatividade dos internautas.

Outra proposta é a realização de estudos que deem conta do principal gênero do grupo BookTube, a vídeo-resenha, uma vez que, como discutimos, há marcas de uma reelaboração de um gênero escrito para um gênero multimodal, o que garante material analítico que possa explicar a construção e as características de gêneros de natureza similar.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J. C. Reelaborações de gêneros em redes sociais. *In*: ARAÚJO, J.C.; LEFFA, V. (Org.) **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 49-63.
- ARAÚJO, J. C. **Chats na Web**: um estudo de gênero hipertextual. 2003. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.
- ASKEHAVE, I; SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied linguistic**, Oxford University Press v. 22, n. 2, p. 195-212, 2001.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. & VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BERNADINO, C. G. **Depoimento de alcoólicos anônimos**: um estudo do gênero textual. 2000. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2000.
- BEZERRA, B. G. 2001. **A distribuição das informações em resenhas acadêmicas**. 2001. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.
- BHATIA, V. K. Genre analysis today. **Revue Belge de Philologie et d'Historie**, Bruxelles, n. 75, p. 629-652, 1997.

_____. Integrating products, processes, purposes and participants in professional writing. In: CANDLIN, C. N.; HYLAND, K. (Eds.). **Writing: texts, processes and practices**. London: Longman, 1999. p. 21-39

COSTA, R. R. **A TV na web: percursos da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia**. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

BOYD, D. M, ELLISON, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, 2007. p. 210–230

CATUNDA, E. L. **Um estudo do gênero jurídico acórdão**. 2004. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

COMBA, S.; TOLEDO, E. La renovación de los contenidos relacionales en los medios sociales. **Revista Académica de la Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social**, UNR Facultad de Ciencia Política n. 91, 2015. p. 1-21.

GAEDE, C. R. **A comunidade discursiva virtual Sociedade Senhor dos Anéis: caracterização e condições de participação**. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. Londres: SAGE Publications, 2000.

HOLANDA, A. B. Dicionário **Aurélio da Língua Portuguesa** – 8. ed. São Paulo: Positivo, 2010.

JEFFMAN, T. M. W. **Booktubers**: performance e conversações em torno do livro e da leitura na comunidade booktube. 395 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

_____, T. M. W. **Literatura que cabe na tela**: uma análise da cultura participativa, consumo e conexões nos booktubers. In: VII ENEC, 2014, Rio de Janeiro. Anais do VII ENEC - Estudos do Consumo. Rio de Janeiro: PUCRIO, 2014.

LEMOS, A. **Cibercultura**. Tecnologia e Vida social na Cultura Contemporânea, Sulina, Porto Alegre, 2002.

LIMA, J. P. E. **(Blog)ueiros**: critérios para o estudo de comunidades discursivas locais e globais. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

LIN, N. Social Capital. **A theory of social structure and action**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

MAFFESOLI, M. **Le temps des tribus**: le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes. Paris, Méridiens Klincksieck, 1988.

MARTINS, T. M. O. A netnografia como metodologia para conhecer o trabalho de professores da cultura digital. Jovens em rede, 2012. Disponível em: <<http://jovensemrede.files.wordpress.com/2012/02/tatiane-marques-de-oliveira-martinsa-netnografia-como-metodologia-para-conhecer-o-trabalho-de-professores-da-culturadigital-texto.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

ORLANDI, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. In: **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. p. 53-59

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009

_____. **Dinâmicas de redes sociais no Orkut e capital social.** Trabalho apresentado no GT de Internet Comunicação e Sociabilidade do ALAIC, São Leopoldo/RS, 2006.

_____. **Comunidades Virtuais no IRC:** o caso do #Pelotas. Um estudo sobre a Comunicação Mediada por Computador e a estruturação de comunidades virtuais. 165 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

SORENSEN, K., & MARA, A. BookTubers as a Networked Knowledge Community. *In:* M. Limbu, & B. Gurung (Org.) **Emerging pedagogies in the networked knowledge society: Practices Integrating Social Media and Globalization.** Hershey: Information Science Reference. 2014. p. 87-99.

SWALES, J M. **Genre analysis:** English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Discourse community and the evaluation of written text.** Georgetown University Round Table on Languages and Linguistics, 1992. p. 18.

_____. Genre and engagement. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**, n. 71, p. 687 - 698, 1993.

_____. **Other floors, other voices:** a textography of a small university building. London: Lawrence Erlbaum, 1998.

APÊNDICE A – CANAIS DE BOOKTUBERS SELECIONADOS PARA PRIMEIRA ETAPA DA PESQUISA

NOME DO CANAL	BOOKTUBER	LINK
Perdidos nos Livros	Eduardo Cilto	https://www.youtube.com/channel/UCApJG-7xJWoZzbMog54kXPA
Tatiana Feltrin	Tatiana Feltrin	https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin
Pam Gonçalves	Pam Gonçalves	https://www.youtube.com/channel/UC3kfc-8i69ak-J3GLpwJwlw
Cabine Literária	Tatiany Leite, Danilo, Cesar, Guto, Gabriel e Lucia	https://www.youtube.com/channel/UCPFIgZKvHJqN3CnrUJINaYQ
Melina Souza	Melina Souza	https://www.youtube.com/channel/UCzwohm8uUjZC1wIST8SP0UQ
Bel Rodrigues	Bel Rodrigues	https://www.youtube.com/channel/UCb1prWGxoiUDIHr6ymRQOw
Ler Antes de Morrer	Isabella Lubrano	https://www.youtube.com/channel/UCTubbc8ei3JfOBbicSJYPfQ
Geek Freak	Victor Almeida	https://www.youtube.com/channel/UC11Gd77wT4cAy0DqT8Si39Q
Literature-se	Mell Ferraz	https://www.youtube.com/channel/UCS3qz49phk9d9fnEcTPVbcg
Kabook TV	Karine Leôncio	https://www.youtube.com/user/karineleoncio
Livraria em casa	Paulo Ratz	https://www.youtube.com/channel/UCJFMYGShAhvXEcNQC6vXirw
Segredos entre amigas	Bárbara Sá	https://www.youtube.com/channel/UCok7EBhrOOBDodbQz1d3zRw
Nuvem Literária	Ju Cirqueira	https://www.youtube.com/channel/UCS3qz49phk9d9fnEcTPVbcg
Livros e Fuxicos	Paola Aleksandra	https://www.youtube.com/user/LivroseFuxicos/featured
Mariana Reads	Mariana Perazio	https://www.youtube.com/channel/UCDVPqIimmQU8EDYiMcOB YF2w
Vitor Martins	Vitor Martins	https://www.youtube.com/channel/UCIETIU0IC9OhQg0E5GdXiCQ
Mariana Gastal	Mariana Gastal	https://www.youtube.com/channel/UCeIM683jjQK_5J02_aseDMw
Alisson7Potter	Alisson Andrade	https://www.youtube.com/channel/UC1vM44-VUCNFYq501DO_gug
Recanto da Mi	Mirelle Caneloro	https://www.youtube.com/user/mirellecaneloro/featured
Vevsvaladares	Verônica Valadares	https://www.youtube.com/channel/UCSqb5kllsEpQhap_EVWK43w
The book dilemma	Thaís Frost	https://www.youtube.com/user/thebookdilemma/featured
Índice X	Alison e Betriz	https://www.youtube.com/channel/UCot5JV8e8UB3BbSZ9YR_8vA
Então eu li	Daniel Destro	https://www.youtube.com/user/naboaTV
Papo de Estante	Bruna Camargo	https://www.youtube.com/channel/UCAv2CrcIEGICVrs_cVWCc9g
Patrícia Pirota	Patrícia Pirota	https://www.youtube.com/user/patriciapirota
Indeciso Narciso	Natan Cardoso	https://www.youtube.com/channel/UCv0BrifLp0e_zkWC7nXiJRQ/featured

Um leitor a mais	Leonardo Oliveira	https://www.youtube.com/user/souoleoedai/featured
Psychobooks	Mari Dal	https://www.youtube.com/channel/UC4R73b6refxtCDWd6a0C2CQ
Lucas Brasil	Lucas Brasil	https://www.youtube.com/channel/UCGiGhCUQz2kv1jc6BMcPxdA
Luara	Luara Franca	https://www.youtube.com/user/luarafranca/featured
Minha vida literária	Aione Simões	https://www.youtube.com/channel/UC9a8c2-uExUvyokwA2fT2OA
A vi viu	Viviane	https://www.youtube.com/channel/UCvMvoDCZ74zcfJUD6wY2dA
Pronome interrogativo	Thaís Cavalcante	https://www.youtube.com/channel/UC7nlmmD5_ aiADqJQgRnwYwg
Bigode Literário	Rafael	https://www.youtube.com/channel/UC7ob_csi8ZDUOzq5NVhccmw
Ratos Letrados	Videl Carvalho	https://www.youtube.com/user/RatosLetrados/featured
Equalize da Leitura	Raphaella Barros	https://www.youtube.com/channel/UC2ca2c8nCXG-2N9hGAsvWPA
Livros e K-stuff	Gleice Couto	https://www.youtube.com/channel/UCinkB73AgD2NqJ1NHzn8-bq
All about that book	Mayra	https://www.youtube.com/channel/UCM7bOf9eTwuFXxJ4DXSPv7g
Um diário de leitura	Michelle Borges	https://www.youtube.com/channel/UCh5ml4IDV8TmuNRVJ7CdHnQ
A culpa é dos livros	Alyssa Mou	https://www.youtube.com/channel/UCP9yvsSFKEFdfpcJK5VOICg
Meu livro e eu	Maurício Brillinger	https://www.youtube.com/user/MeuLivroeEu
Pipoca Musical	Raquel Moritz	https://www.youtube.com/channel/UCBrCSxxwRmM-uTDvcyCLQ9w
Poison Books	Úrsula	https://www.youtube.com/channel/UCfqM7znDD8CsP2BWaohvz8Q
Canetando	Pedro Maziero	https://www.youtube.com/channel/UCEHP70qPya_nwnzYv_xcOFFQ
A estante de uma bibliófila	Claire Scorzi	https://www.youtube.com/channel/UCi5JWmOFZvYSGU-NdpaKXsw
Stela Aquino	Stela Aquino	https://www.youtube.com/channel/UCfbhbbH9NjDwwrCfof1ZF3q
Gabriela Small	Gabriela Small	https://www.youtube.com/user/gabriellasmallinda/featured
Guardei na memória	Juliana Sabrina	https://www.youtube.com/channel/UCBVkmVmpeXg22XTyS0vza4g
Livros de Romance	Ster Barbosa	https://www.youtube.com/channel/UCiXdhPujbh6G2fHhFtosq1g
Literatur TV	Tary Zottino	https://www.youtube.com/channel/UCrfZ6YnUmP0lgZeTbBR8MZg
Livrada	Yuri	https://www.youtube.com/user/vloglivrada/featured
Cabeça de Tinta	Renato Jardim	https://www.youtube.com/channel/UCkiM8GMbr1XSHso1JZFYQUg
Cheiro de livros	Sibelle Lobo	https://www.youtube.com/channel/UCFqt3WIAViNfW8tWtJzqdiA
Cotidiano de Leitores	Bianca Branco	https://www.youtube.com/channel/UC9607fJAX3QScd4gTJvQD6g
Resenhando sonhos	Thamires Santos	https://www.youtube.com/user/resenhandosonhos

Fetichê literário	Cadu	https://www.youtube.com/user/FetichêLiterario/featured
Colecionando Prosas	Fabiola Paschoal	https://www.youtube.com/user/cocotanerd/featured
Livros e post it	Adriana	https://www.youtube.com/channel/UCfPRsqbnvCFsCoC-BhHqU3g
Estante alada	Jacqueline	https://www.youtube.com/channel/UCYZZhl-RhcU7NXdKIDZhgjA
Andra	Andra	https://www.youtube.com/channel/UCuVE66AN9qLVC_VGaoI-sgA
Cometa de ideias	Mariana Bortoletti	https://www.youtube.com/channel/UCNUsabQ8Gh2W2yjRoHIE4xQ
Ensaio sobre a inconstância	Henrique Junio	https://www.youtube.com/channel/UC0F2QQ-nmcjsKVXNQUN1TUQ
Dy Colares	Dyana Colares	https://www.youtube.com/user/blogdesejooliterario
Livro & café	Francine Ramos	https://www.youtube.com/channel/UCsKVCBV_LOvWmMKEMP_M-siA
Mundo Literário	Junior	https://www.youtube.com/user/mundooliterario
Connect Qu4tro	Jackson	https://www.youtube.com/channel/UC_PdEGmLZz31qLPFW32r_sDw
Em diálogo	Juliana e Jeferson	https://www.youtube.com/user/canalromeuejulieta
Eu que leio	Henrique Marques	https://www.youtube.com/user/EuqueleioVLOG/featured
Instinto de Leitura	Thaís Bergmann	https://www.youtube.com/user/instintodeleitura
Aviões de Papel	Jânio Almeida	https://www.youtube.com/channel/UC6AXXFNIVOO4S_VCED2rAg
Cereja com Glitter	Fabiana	https://www.youtube.com/user/Fabiana7875/featured
Viver para ler	Gabriela Francine	https://www.youtube.com/channel/UC1-vLNpucA0UNQzQpeeQtdg
Livros e bolinhos	Ju Oliveto	https://www.youtube.com/channel/UCfJq9t3Nx2GG0i0LOEmmydg
Mari Madoxx	Mari Madoxx	https://www.youtube.com/channel/UCfs4QMzxKT6wid9WWA-mguQ?nohtml5=False
Simplesmente Júlia	Júlia Queiroz	https://www.youtube.com/channel/UCiotzKzCF-YzxF5ZSI_Ptkg
Conto em canto	Iara	https://www.youtube.com/channel/UC6gh4zqQOevQKhbdZPcZisA
Amiga da Leitora	Thaís Teixeira	https://www.youtube.com/channel/UCvaClcMprJ7WWsCNpTSzh3A
Mônica e os livros	Mônica	https://www.youtube.com/channel/UCnjLEU7kwCb-YA8g9FRnJ_g
Mar de livros	Ana Beatriz	https://www.youtube.com/channel/UC8MxE9bJEKdEkurArHgwWtA
Mara Literária	Mara Rubia	https://www.youtube.com/user/marinharubia100/featured
Belle Hendges	Belle Hendges	https://www.youtube.com/user/tvdevoradoradelivros
O Lugar do Livro	Leonardo	https://www.youtube.com/user/olugardolivro
Estante Indiscreta	Glauca	https://www.youtube.com/user/EstanteIndiscreta
Fundo Falso	Andréa Bistafa	https://www.youtube.com/channel/UCRSuLkrTNEIXPliqiKwPTgg

Livrogram	Denise Schnyder e Livia Piccolo	https://www.youtube.com/user/livrogram2014/featured
Esteves where?	Vanessa Esteves	https://www.youtube.com/user/vaahesteves
Incrível mundo da Ju	Júlia Campos	https://www.youtube.com/channel/UCWq_pG8PA4i2nVkqgJZvQ
Magia Literária	Mariana Mortani	https://www.youtube.com/channel/UCSQXeJlyet9sSKtyFcPWWfw
A mulher que ama livros	Cláudia Simões	https://www.youtube.com/channel/UCpV3T7YqXDv7Etxj8UEp7A
Hoje é dia	Samara Pimenta	https://www.youtube.com/channel/UCnkImydhMvRnLPNwzYWDp3w
Dignidade não cabe aqui	Nayana Nascimento	https://www.youtube.com/channel/UCmPvi7CBYZzh8kvssoDMfVw
Desejo Adolescente	Mabel	https://www.youtube.com/user/DesejoAdolescente
Janela de Livros	Laiara Lacerda	https://www.youtube.com/user/laiaralacerda
Antônio Emediato	Antônio Emediato	https://www.youtube.com/channel/UCbUVeLEkBI7-WiKOWdlxNcg
Universo Leitura	Bianca e Pedro	https://www.youtube.com/channel/UCXOVFvV - CJQleXsX5oBeFg

**APÊNDICE B – CANAIS DE BOOKTUBERS SELECIONADOS PARA A
SEGUNDA PARTE DA PESQUISA**

CANAL	AUTOR	DESCRIÇÃO DO CANAL	INÍCIO	URL
tatianagfeltrin	Tatiana Feltrin	TLT - Ligando livros a pessoas Canal criado por Tatiana Feltrin (formada em Letras - Tradutora e Intérprete pela UMESP, pós-graduada em ensino de idiomas pelo Mackenzie, Professora de Inglês como segunda língua), leitora ávida que compartilha o amor pelos livros, e incentiva a leitura em vídeos há quase uma década :) Vídeos novos todas as quartas, sextas e domingos! Contato: tatifeltrin.booktuber@gmail.com Caixa Postal 2015 São José dos Campos - SP CEP: 12243-970	23 de setembro de 2007	https://www.youtube.com/user/tatianagfeltrin/about
Eduardo Cilto / Perdido Nos Livros	Eduardo Cilto	Criado em novembro de 2012, é um canal que tem como objetivo popularizar o hábito da leitura entre os jovens com vídeos cheios de criatividade e bom humor. O Canal faz uso de assuntos ligados a filmes, séries, notícias, temas relacionados ao mundo dos livros e muito mais. Contato: perdidonoslivros@gmail.com Snapchat : EduardoPNL Instagram : @EduardoCilto Twitter : @EduardoCilto Conheça "Traços" , o primeiro livro de Eduardo Cilto, criador do Perdido Nos Livros : http://www.saraiva.com.br/tracos-9350176.html LINK PARA A VENDA DE TRAÇOS, MEU PRIMEIRO LIVRO NA SARAIVA : http://www.saraiva.com.br/tracos-9350176.html LINK PARA A VENDA NA LIVRARIA CULTURA : http://bit.ly/TraçosCultura LINK PARA A VENDA NA AMAZON : http://amzn.to/29GijzM LINK	2 de novembro de 2012	https://www.youtube.com/user/Perdidonoslivros/about

		PARA A VENDA NO SUBMARINO : http://www.submarino.com.br/produto/128467822/livro-tracos LINK PARA O LIVRO NO SKOOB: https://www.skoob.com.br/tracos-593205ed594375.html		
Janela de Livros	Laiara Lacerda	Laiara é advogada e lê desde antes de aprender a ler; criou o canal como um incentivo a sua jornada literária pessoal e tem como objetivo compartilhar e incentivar a leitura diária.	8 de abr de 2016	https://www.youtube.com/user/laiaralacerda/about

APÊNDICE C - VÍDEOS DE TATIANA FELTRIN

TÍTULO DO VÍDEO	NÚMERO DE VISUALIZAÇÕES/ COMENTÁRIOS		DESCRIÇÃO/ CLASSIFICAÇÃO	URL
DROPS #4 Mês do Horror - Ano V	3521	62	Leitura de trecho de uma obra de Terror (DROPS)	https://www.youtube.com/watch?v=febDdA86rEI&index=1&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng
O Preço da Chama Eterna (Gibraan Hanna)	6.105	58	Resenha de livro (Publi editorial)	https://www.youtube.com/watch?v=nUFnknSkPwx&index=2&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng
Dia do Horrorzinho Mês do Horror - Ano V Tatiana Feltrin	8.514	78	Indicação de dois livros para o Dia da Criança. A booktuber denominou essa data como Dia do Horrorzinho.	https://www.youtube.com/watch?v=Kjt2pLuY05k&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng&index=3
Manuscrito encontrado em Saragoça (Jean Potocki) Mês do Horror - Ano V	10.083	164	Resenha de livro	https://www.youtube.com/watch?v=uqesA07Adas&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng&index=4
Promoções da Semana da Amazon! \o/ - RRetrospectiva GRR Martin + Editora Planeta	7.266	64	Apresentação de livros vendidos na Amazon com descontos especiais por meio de cupom na descrição.	https://www.youtube.com/watch?v=9OiiZbuzmyY&index=5&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng
[CONTO] O Intruso The Outsider (HP Lovecraft) Mês do Horror	13.629	257	Resenha de conto de terror	https://www.youtube.com/watch?v=hDdd4DCahdM&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng&index=7
SORTEIO! \o/ Mês do Horror - Ano V	17.649	1.677	Sorteio de 3 livros a partir de preenchimento de formulário para inscritos e brasileiros.	https://www.youtube.com/watch?v=5A680MVHh_o&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng&index=8

Nova Jaguaruara (Mauro Lopes)	9.656	117	Resenha de livro (publi editorial)	https://www.youtube.com/watch?v=LS2zbrOPkMs&index=9&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng
IT: A Coisa (Stephen King): Livro e Filme Mês do Horror - Ano V	41.921	598	Resenhas do livro e do filme Nesse vídeo há um feedback interessante.	https://www.youtube.com/watch?v=BACXzhJPZWM&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng&index=11
Concluindo Setembro 2017 + Caixa Postal	19.387	182	Livros lidos em Setembro e mostra dos presentes	https://www.youtube.com/watch?v=uPwmnZe26a0&index=15&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng
TLT 10 anos vo/	26.032	1.198	A booktuber fala sobre os 10 anos do canal	https://www.youtube.com/watch?v=08YuynWlusE&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng&index=16
Grande Sertão: Veredas (João Guimarães Rosa)	18.868	199	Resenha de um clássico da literatura	https://www.youtube.com/watch?v=qblthQFdq1I&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng&index=18
5 Contos de Tolstói (11-15 Contos completos)	11.697	113	Vídeo de Projeto de leitura conjunta. Ler 15 contos de Tolstói.	https://www.youtube.com/watch?v=v6q8IWO2khg&index=21&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng
Os meninos da Rua Paulo (Ferenc Molnár) Você Escolheu #50	15.772	207	Resenha de livro	https://www.youtube.com/watch?v=hg4T_K4DmSE&index=22&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng
#4 Maratona Literária 24h: TLT Vlog + Resultado	20.972		Leitura de livros em 24 horas – o vídeo mostra o progresso da leitura durante todo o dia.	https://www.youtube.com/watch?v=5meU6M3PKws&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng&index=25
[CONTO] O Espelho	13.090	85	Resenha do conto com explicações para p vestibular da Unicamp	https://www.youtube.com/watch?

(Machado de Assis) UNICAMP				v=i4nmTp7-wxA&list=UUmEKnmZbltaFyiA6H46IDng&index=33
Tag dos 50%	26.000	96	<p>Link original da tag: https://www.youtube.com/watch?v=03gz6k0IB-Y&feature=youtu.be Link traduzido: https://www.youtube.com/watch?v=03gz6k0IB-Y&feature=youtu.be (pelo Victor Almeida do Geek Freak)</p> <p>MOSTRA COMO NÃO HÁ FRONTEIRAS NAS PRÁTICAS DISCURSIVAS</p>	https://www.youtube.com/watch?v=75t1MXwrnV0&list=UUmEKnmZbltaFyiA6H46IDng&index=51
Mini VEDA: 3 Canais	13.956	150	Indicação de três canais do YouTube.	https://www.youtube.com/watch?v=uN7NK6Rqkql&index=101&list=UUmEKnmZbltaFyiA6H46IDng
Leituras para o Vestibular FUVEST + UNICAMP	16.858	126	Lista e planejamento de leitura preparatória para os vestibulares da Fuvest e da Unicamp	https://www.youtube.com/watch?v=n9WgR1LWZb4&list=UUmEKnmZbltaFyiA6H46IDng&index=86
Perguntas & Respostas	39.691	539	A booktuber responde às perguntas deixadas nos comentários de outro vídeo (Veda).	https://www.youtube.com/watch?v=kyv_mipuMHg&list=UUmEKnmZbltaFyiA6H46IDng&index=232
Como eu organizo o canal	20.356	210	Tatiana mostra como elabora sua agenda para organizar suas atividades para o canal	https://www.youtube.com/watch?v=cfo7FaSRTvg&index=253&list=UUmEKnmZbltaFyiA6H46IDng
Tá todo mundo mal (Jout Jout) + PC Siqueira está morto (Alexandre Matias) Livros de youtubers	238.698	1.603	Apresenta sua opinião sobre dois livros de youtubers, além de resenha-los.	https://www.youtube.com/watch?v=MoZdUeiJlfe&index=240&list=UUmEKnmZbltaFyiA6H46IDng
VEDA #11: Book Talk: Apropriação de ideias	28.236	582	Apresenta sua opinião sobre plágio a partir de sua experiência como professora de inglês de cursos livres.	https://www.youtube.com/watch?v=gJig3Lx8Zs4&index=281&list=U

				UmEKnMzbltaFyi A6H46IDng
VEDA #21 Para Gostar de Ler #1 - Crônicas	12.795	128	Resenha de um livro muito adotado como paradidático escolar no ensino fundamental.	https://www.youtube.com/watch?v=4jyQLtGbEdU&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng&index=272
Mini Vlog #14: A primeira ressaca literária a gente nunca esquece...	14.047	140	Fala rapidamente como aconteceu sua primeira ressaca literária – que é um período sem vontade de ler.	https://www.youtube.com/watch?v=s7uRu1ZOR5k&list=UUmEKnMzbltaFyiA6H46IDng&index=425

Tabela elaborada no dia 15 de outubro de 2017.

APÊNDICE D – VÍDEOS DE EDUARDO CILTRO

TÍTULO DO VÍDEO	NÚMERO DE VISUALIZAÇÕES/ COMENTÁRIOS		DESCRIÇÃO/ CLASSIFICAÇÃO	URL
MÃE! É tudo o que falam? teorias e opinião	9.000	144	Fala sobre o filme “Mother”. Resenha o filme e discute criticamente.	https://www.youtube.com/watch?v=thV2n7CWg30&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA
LANÇAMENTOS MAIS LEGAIS DO MÊS Perdido Nos Livros	13.091	270	Apresenta os livros lançados no mês que na opinião do booktuber pode ser interessante lê-los.	https://www.youtube.com/watch?v=-9mu42X3gZ4&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=2
MEU LIVRO NOVO, JOHN GREEN E LIVROS RUINS Ask Edu	15.496	220	Eduardo responde perguntas de consumidores dos seus vídeos.	https://www.youtube.com/watch?v=ThSCVv1fqP4&index=4&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA
TENTE NÃO CANTAR GLEE Feat. Pedrugo	52.462	609	Eduardo recebe os booktubers do canal Pedrugo, Pedro e Hugo, para juntos cumprirem a tag “Tente não cantar”. No mesmo vídeo, eles apresentam uma paródia de Glee.	https://www.youtube.com/watch?v=T1np3cetqJo&index=6&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA
MELHOR PLAYLIST DE MÚSICA ANTIGA	16.597	297	No vídeo, Eduardo indica músicas antigas.	https://www.youtube.com/watch?v=V5oZGCzY4ek&index=7&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA
RECEBIDOS INCRÍVEIS DE AGOSTO Perdido Nos Livros	13.611	369	Resenha os livros que ele recebeu em agosto.	https://www.youtube.com/watch?v=F5be0G-qFHs&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=8
PARA TODOS OS GAROTOS QUE JÁ AMEI	20.058	207	Resenha do livro Para todos os garotos que já amei”.	https://www.youtube.com/watch?v=Ilo-tufHi4Q&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=9

SOMOS PÉSSIMOS NESSE DESAFIO!! Feat Babi Dewet. #EduTodoDia	10.553	103	Eduardo recebe Fabi Dewet, também booktuber, para um desafio que consiste em acertar o título de livros a partir de palavras-chaves.	https://www.youtube.com/watch?v=qjHL8FAYYvo&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=10
FAMOSOS QUE ESCREVEM LIVROS E VOCÊ NÃO SABIA Perdido Nos Livros #EduTododia	10.189	134	No vídeo, Eduardo apresenta vários famosos que, além de cantarem ou atuarem, escrevem. Ele apresenta a sinopse dos livros.	https://www.youtube.com/watch?v=1uABuUU-yJw&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=13
COMO É SER ESCRITOR? feat. Thalita Rebouças Perdido Nos Livros	14.180	222	Eduardo recebe Thalita Rebouças para uma conversa sobre ser autor profissional.	https://www.youtube.com/watch?v=5K6MukOpnEE&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=16
SOU UMA MENTIRA!	20.716	205	O booktuber dá dicas de como deixar a auto-sabotagem.	https://www.youtube.com/watch?v=_vc2AaNehhY&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=21
MELHORES SÉRIES NETFLIX	46.780	355	Eduardo fala sobre as séries da Netflix que ele considera boas. Em vídeo anterior, o booktuber discutiu as piores séries.	https://www.youtube.com/watch?v=4l8fxeRtjIY&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=22
LIVROS SOBRE SUICÍDIO Perdido Nos Livros	26.130	348	O booktuber apresenta livros que podem auxiliar pessoas que conhecem alguém que está com depressão.	https://www.youtube.com/watch?v=ZfPjR_ChITE&index=23&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA
"OS 13 PORQUÊS" É HORRÍVEL? Livro e série	136.394	829	Resenha do livro e da série "Os 13 porquês".	https://www.youtube.com/watch?v=KOEZmcsOz9g&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=25
LIVROS PARA FICAR RICO GIRLBOSS & CRIATIVIDADE SA	12.551	80	Eduardo fala de livros que tratam de empreendedorismo, como Girlboss e Criatividade S.A.	https://www.youtube.com/watch?v=lpBLn81bvt4&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=27

COMPRANDO LIVROS MAIS BARATOS	31.198	221	Eduardo dá dicas de como pesquisar para comprar livros mais baratos.	https://www.youtube.com/watch?v=nDB_lk5DcoM&index=31&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA
LIVROS QUE VC VAI AMAR!	47.743	322	O booktuber resenha livros que indica como leituras aos consumidores do canal.	https://www.youtube.com/watch?v=w_o6ASPYMBo&index=35&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA
DESVENTURAS EM SÉRIE - [NÃO ASSISTA]	85.600	751	O booktuber fala da série “Desventuras em série” e como os autores se basearam nos livros.	https://www.youtube.com/watch?v=QnIDA6zbuL0&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=36
PIORES SÉRIES NA NETFLIX	137.029	1.726	Eduardo apresenta cinco séries que na opinião dele são superestimadas.	https://www.youtube.com/watch?v=Y3Afnwf-ik&index=37&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA
10 LIVROS PARA 2017	73.239	587	Neste vídeo, Eduardo apresenta sua meta de leitura para 2017. Ele diz que a meta é, principalmente, para fugir das séries e ler mais.	https://www.youtube.com/watch?v=FnBsCGJBCWY&index=38&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA
SORTEIO + PRIMEIRO CAPÍTULO DE TRAÇOS	17.834	307	Eduardo lê o primeiro capítulo do livro dele, Traços. No final do vídeo, fala sobre o sorteio de quatro exemplares de Traços.	https://www.youtube.com/watch?v=6pcBzjsxpvw&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=41
COMO ESCREVI UM LIVRO - PARTE 2	22.320	409	O booktuber fala sobre sua experiência como autor e de sua ansiedade para ver a obra pronta.	https://www.youtube.com/watch?v=2NGoUpWcxZU&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=60
VALE A PENA LER "COMO EU ERA ANTES DE VOCÊ"?	75.149	682	Resenha do livro “Como eu era antes de você?”.	https://www.youtube.com/watch?v=Bj8wgjqH8QY&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA&index=64

CONHECENDO JOHN GREEN NO RIO	89.612	669	Eduardo conhece o autor John Green, após ganhar concurso da editora.	https://www.youtube.com/watch?v=0lItbEaTXJI&index=106&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA
JÁ BEIJAMOS INSCRITOS? - Eu Nunca. (feat. OhWassupJu & Cabeça de Tinta)	78.712	515	Eduardo receber dois outros youtubers para brincar de "Eu nunca".	https://www.youtube.com/watch?v=vAAGLZE_00U&index=67&list=UUApJG-7xJWoZzbMoq54kXPA

Tabela elaborada no dia 20 de outubro de 2017.

APÊNDICE E – VÍDEOS DE LAIARA LACERDA

TÍTULO DO VÍDEO	NÚMERO DE VISUALIZAÇÕES/ COMENTÁRIOS		DESCRIÇÃO/ CLASSIFICAÇÃO	URL
UPDATE Essenciais da Rory	58	01	Por onde começar a ler a Lista de Livros do seriado Gilmore Girl? Book List GG + Lista de Livros Essenciais da Literatura Mundial.	https://www.youtube.com/watch?v=GZO5lw9cE24&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ
#CLASSICOTUBE Grandes Esperanças, Dickens	46	03	Resenha do clássico Grandes Esperanças, escrito por Dickens.	https://www.youtube.com/watch?v=O3SoxK6yxbc&index=2&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ
Book Haul Bienal Darkside (livros novos agosto/setembro)	317	08	Apresenta os livros comprados pelo site da Amazon, durante a promoção da Bienal.	https://www.youtube.com/watch?v=NwXxWBUqGZ4&index=3&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ
FLORIANÓPOLIS #vlogdeviagem	68	00	A booktuber fala sobre a viagem à Florianópolis. Ela aproveita para dar dicas de hospedagem e passeios.	https://www.youtube.com/watch?v=QRtzeauqWps&index=4&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ
Livros Lidos em agosto 2017	122	03	Laiara apresenta suas leituras de agosto.	https://www.youtube.com/watch?v=zF4pmnKACiw&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ&index=5
Lidos em julho 2017	127	02	Laiara apresenta as leituras que realizou em julho e suas expectativas para terminá-las.	https://www.youtube.com/watch?v=XLzM_t5mnR0&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ&index=6
MACBETH, Shakespeare	34	05	Resenha da obra Macbeth, de Shakespeare.	https://www.youtube.com/watch?v=XwWtcgDqH3E&index=7&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ
À Espera de um Milagre, Stephen King	36	01	Resenha da obra À Espera de um Milagre, de Stephen King.	https://www.youtube.com/watch?v=V9n7HNPxGys&index=8&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ

#AmazonDay Livros Novos [junho/julho 2017]	106	04	Livros comprados durante o dia de promoção da Amazon.	https://www.youtube.com/watch?v=IHf01NTupQU&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ&index=9
A Guerra que Salvou a Minha Vida #DarkLove	21	00	Resenha da obra A Guerra que Salvou a Minha Vida.	https://www.youtube.com/watch?v=gxRhRfB5MxY&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ&index=10
Os Miseráveis Parte 2 e 3	37	01	Resenha da obra "Os Miseráveis", de Victor Hugo. Nesse vídeo, ela apresenta uma crítica ao enredo por partes machistas, mas sem perceber que a representação de pensamentos da época não é a expressão da opinião do autor.	https://www.youtube.com/watch?v=lbbri8leTUw&index=11&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ
Lidos 1º semestre 2017	70	13	A booktuber apresenta os livros lidos durante o primeiro semestre de 2017.	https://www.youtube.com/watch?v=Soi8aJ0wreQ&index=13&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ
Livros Lidos Durante o VEDA (Abril 2017) + PC quebrado, concurso e planos frustrados	65	02	A booktuber apresenta os livros lidos durante o VEDA. Além disso, fala do pouco tempo para ler, pois está estudando para concurso, também explica o motivo de os vídeos não estarem sendo editados – o computador não está funcionando.	https://www.youtube.com/watch?v=dKJg1122Afs&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ&index=14
Bookshelf Tour 2017 #VEDA 30	80	02	Nesse vídeo, Laiara mostra seus livros, os quais para ela somam poucos, já que é recente o volume grande de páginas lidas mensalmente.	https://www.youtube.com/watch?v=n9019lyyCAE&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ&index=15
ORGANIZAÇÃO DO ESCRITÓRIO Parte 2 #VEDA 29	64	04	Laiara arruma seu espaço onde grava os vídeos e coloca novas prateleiras para livros.	https://www.youtube.com/watch?v=ic1sfnAyYBY&index=16&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ
UNBOXING GRAPHIC NOVEL A GUERRA DOS TRONOS (HQ) #veda 28	592	04	A booktuber mostra a coleção A Guerra dos Tronos em formato de graphic novel.	https://www.youtube.com/watch?v=Ft33HWeAilQ&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ&index=17
A COR PÚRPURA, Alice Walker #veda 27	30	02	Resenha da obra "A cor púrpura".	https://www.youtube.com/watch?v=XTiem16VGhY&list=UU92QWPs6t3IQgQUmTrgYeeQ&index=18

LISTA DE LIVROS PARA LER EM MAIO #VEDA 26	103	02	A booktuber apresenta a lista de livros que pretende ler em maio.	https://www.youtube.com/watch?v=gZZF5ptaeeE&list=UU92QWP6t3lQgQUmTrgYeeQ&index=19
NÃO SEJA O PORQUÊ DE ALGUÉM #veda 25	38	01	Laiara comenta a tag “Não seja o porquê de alguém”.	https://www.youtube.com/watch?v=BJTHzZQlai0&index=20&list=UU92QWP6t3lQgQUmTrgYeeQ
MEU PLANNER DE LEITURA #VEDA 24	67	02	Neste vídeo, a booktuber apresenta suas anotações de leituras, maratonas e como organiza a escrita de roteiros para o canal.	https://www.youtube.com/watch?v=HNFInkO_DgA&index=21&list=UU92QWP6t3lQgQUmTrgYeeQ
COMO CONCILIO ESTUDO E LEITURA #veda 10	42	03	A booktuber mostra como divide o tempo para leituras e para estudos. Além disso, ela assiste séries. Segundo ela, o tempo de leitura é, em geral, de uma hora, pois além de estudar, trabalha e cuida da casa.	https://www.youtube.com/watch?v=B7iGvdDPMWA&index=35&list=UU92QWP6t3lQgQUmTrgYeeQ
EU NUNCA BOOKTAG #VEDA 09			Neste vídeo, Laiara desenvolve a booktag, “Eu nunca”, que consiste em responder perguntas sobre leitura, como “Eu nunca comprei um livro que me arrependi”.	https://www.youtube.com/watch?v=YAvShD_6vNw&list=UU92QWP6t3lQgQUmTrgYeeQ&index=36
MORRO DE SÃO PAULO - BAHIA a vila, a 2° praia e o meu aniversário #vlogdeviagem Parte 1 #veda	51	01	Vídeo com partes da viagem ao Morro de São Paulo, na Bahia.	https://www.youtube.com/watch?v=WRm5ezZJpu0&index=37&list=UU92QWP6t3lQgQUmTrgYeeQ
TBR MARÇO 2017 #mulheresparaler	72	03	Neste vídeo, a booktuber apresenta a lista de livros de março. Entre os livros está Trópico de Câncer, leitura sugerida por Tatiana Feltrin, booktuber experiente.	https://www.youtube.com/watch?v=umnZk6GQskU&list=UU92QWP6t3lQgQUmTrgYeeQ&index=50
TBR #cultobooktuber Lista de Livros para Ler em Junho/2016	288	10	Laiara apresenta os livros da Maratona Culto Booktuber, que consiste em ler os livros não lidos da lista de leitura dos meses anteriores.	https://www.youtube.com/watch?v=_fpTo6KM29s&index=141&list=UU92QWP6t3lQgQUmTrgYeeQ

Tabela elaborada no dia 23 de outubro de 2017.

APÊNDICE F – TERMINOLOGIA UTILIZADA PELOS *BOOKTUBERS*

PALAVRA OU EXPRESSÃO	TRADUÇÃO LIVRE	SIGNIFICADO
Wrap up	Embrulho	Conjunto de livros lidos durante um determinado período (semana, mês, ano etc).
TBR (To be Read)	Para ler	Trata-se de uma lista de livros para serem lidos em um determinado período ou em um projeto literário.
TBR Jar	Para ler Jarra	Consiste em uma brincadeira, na qual o booktuber escreve vários nomes de livros que possui, mas ainda não leu, coloca-os em um recipiente (pode ser uma jarra) e sorteia um para ser o próximo a ser lido.
Quote	Citação	É a citação de uma frase ou um trecho que mais gostou ao ler uma obra.
Book Talk	Conversa sobre livro	Trata-se de vídeos de análise crítica e reflexiva de uma obra, a partir da qual o booktuber gera discussões de uma questão social.
Unboxing	Desembrulhar	É um termo já conhecido entre os youtubers, o qual refere-se a abertura de pacotes frente à câmera. Porém o “unboxing” ou “caixa postal”, como Tatiana Feltrin prefere chamar, para os booktubers está relacionado a abrir caixas que chegam com livros que compraram ou ganharam.
Unhaul		São vídeos nos quais os booktubers listam livros que não querem mais e podem doar ou trocar.
Bookshelf tour	Passeio pela estante	Nesses vídeos, os booktubers mostram as estantes de livros, lendo título por título e, algumas vezes, discorrem sobre a ordem dos livros nas prateleiras.
VEDA Vlog Every Day April/August	Vídeo todo dia durante abril/agosto	É um desafio entre os booktubers para que nos meses de abril e/ou agosto sejam gravados um vídeo por dia.
Booktubeathon Booktube-a-thon		É uma maratona de leitura, na qual os participantes do grupo se propõem a ler durante uma semana o maior número de livros possível.
Wish List	Lista de desejos	Lista de livros desejados pelos booktubers.
Spoiler	Spoiler	Termo muito utilizado na terminologia do cinema, trata-se de revelar o desfecho de uma obra para alguém que ainda não conhece a narrativa completa.

Blurb	<i>Sem tradução Terminologia da área publicitária</i>	São frases, às vezes, escritas na capa de um livro, cuja intenção é tipicamente comercial. Os booktuber muitas vezes criticam essas frases.
Booktrailer	Trailer de livro	Vídeos que apresentam uma obra ao público, geralmente são financiados por editoras.
Flopar	Fracassar	Expressão usada quando algo não deu certo: um vídeo que estava gravando, uma maratona na qual o booktuber estava participando, um projeto literário etc.
Hype	Extraordinário (a)	É usado pelos booktubers para adjetivar uma obra que está sendo bem aceita, ou seja, que está tendo sucesso.
tag	Etiqueta/ Pega- pega	As tags na internet são palavras que servem como uma etiqueta ou palavra-chave e ajudam a organizar as informações, agrupando aquelas que receberam a mesma marcação, facilitando encontrar outras relacionadas.
Readathon		Vídeos sobre a maratona de leitura das quais participam tanto BookTubers quanto inscritos nos canais.